

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

CAROLINE POLIZELI

REFLEXÕES METAPSICOLÓGICAS SOBRE A COMPULSÃO À
REPETIÇÃO E ALGUMAS DE SUAS POTENCIALIDADES
TERAPÊUTICAS

MARINGÁ

2017

CAROLINE POLIZELI

**REFLEXÕES METAPSICOLÓGICAS SOBRE A COMPULSÃO À
REPETIÇÃO E ALGUMAS DE SUAS POTENCIALIDADES
TERAPÊUTICAS**

Versão preliminar da dissertação apresentada à banca de exame de qualificação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Constituição do Sujeito e Historicidade.

Orientador: Prof. Dr. Helio Honda

MARINGÁ

2017

Não me importa a palavra, esta corriqueira.
Quero é o esplêndido caos de onde emerge a sintaxe,
os sítios escuros onde nasce o “de”, o “aliás”,
o “o”, o “porém” e o “que”, esta incompreensível
muleta que me apoia.
Quem entender a linguagem entende Deus
cujo Filho é Verbo. Morre quem entender.
A palavra é disfarce de uma coisa mais grave, surda-muda,
foi inventada para ser calada.
Em momentos de graça, infrequentíssimos,
se poderá apanhá-la: um peixe vivo com a mão.
Puro susto e terror.

Adélia Prado.

AGRADECIMENTOS

À Deus, porque Ele é,

Aos meus pais, Orlando e Sônia, por sempre sonharem comigo, e ao mesmo tempo, serem meu porto seguro,

À minha irmã Raquel, por ter aberto caminhos para que eu pudesse trilhá-los,

Ao meu orientador, Professor Dr. Hélio Honda, pela delicadeza nas orientações, pelo imenso conhecimento dividido e pela confiança em mim depositada,

À minha Psicóloga Rosane Cutolo Silva, por, desde a graduação, tornar a Psicanálise e o *setting* terapêutico um instrumento de amor e de vida.

Aos professores Dr. Marco Antonio Rotta Teixeira e Dr. Jorge Abrão pelas contribuições sérias e generosas à pesquisa,

Aos amigos que estão e estiveram comigo, em especial à Karolina Reis e ao Paulo Vitor Navasconi, pelo incentivo e presença desde o início,

À CAPES pelo incentivo financeiro.

REFLEXÕES METAPSICOLÓGICAS SOBRE A COMPULSÃO A REPETIÇÃO E ALGUMAS DE SUAS POTENCIALIDADES TERAPÊUTICAS.

RESUMO

Essa dissertação procurou esmiuçar o pensamento Freudiano no tocante à questões referentes à Repetição, e principalmente à Compulsão à Repetição a partir de 1920. Para tanto, também foram usados alguns comentadores e pensadores Pós-Freudianos. Trilhando esse caminho, percebemos que a Repetição nos anos anteriores e iniciais da Psicanálise, podia ser vista como estruturante do psiquismo e também aquela que revelava aspectos desconhecidos do mesmo. Por meio dela, desde os estudos a volta com a histeria foi possível desvendar a psique humana. Nos estudos posteriores, a repetição ganhou também outras roupagens e associou-se com o traumático, o destino implacável e sorrateiro dos trágicos acontecimentos. Para entender essa mudança, adentramos um pouco mais ao funcionamento dos Princípios e Processos que a determinam, assim como na teoria das pulsões. Dessa forma, estudamos os Processos Primários, Secundários, Princípio do Prazer e Princípio da Realidade, sob o ponto de vista metapsicológico. Deparamo-nos com a questão da repetição em concomitância com a questão da ligação das energias do aparelho psíquico desde o eu até as pulsões, e principalmente às pulsões de morte, no tocante a seu caráter de desligamento. Chegamos à conclusão de que a ligação ou a falta dela é o fator primordial para a Repetição se tornar Compulsiva ou não, sendo também a responsável pela maturação do psiquismo. Nesse sentido, a medida que entende-se a ligação sendo realizado pelas pulsões de vida existentes no Eu, pode-se pensar sobre o potencial clínico de fortalecimento do Eu para essa função.

Palavras-chaves: Repetição. Compulsão a Repetição. Pulsões.

ABSTRACT

This dissertation aimed to examine Freudian thinking on issues related to Repetition, and especially on the Compulsion to Repetition from 1920, it was also used some Post Freudian commentators and thinkers. Following this path, we realize that the repetition in the previous and early years of Psychoanalysis, could be seen as structurant of the psyche and also as what revealed unknown parts of the same psyche. Through it, since hysteria studies, was possible to uncover the human psyche. In later studies, the repetition has also gained other meanings associating with the traumatic, relentless, sneaky fate of tragic events. In order to understand this change we investigated the principles and processes that determine it, as well as the theory of drives. In this way, we studied the Primary and Secondary Processes, Pleasure Principle and Reality Principle, from the metapsychological point of view. We come across with repetition issue in concomitance with the question of the connection of the psychic apparatus energies from the self to the drives, especially to the death drives, regarding to its detachment character. We reached the conclusion that the connection or the lack of it is the primary factor for Repetition to become Compulsive or not, being also responsible for the maturation of the psyche. In this way, as one understands the connection being made by the life drives existing in the Self, we can think about the clinical potential of strengthening the Self for this function.

Key words: Repetition. Compulsion to Repetition. Drives.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I	18
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A REPETIÇÃO NA CLÍNICA PSICANALÍTICA ANTES DE 1920	18
1.1 O período pré-psicanalítico: aproximação ao problema da repetição no sintoma....	19
1.2 A repetição no período de consolidação da Psicanálise	23
1.2.1 A constituição da primeira tópica psicanalítica e o problema da repetição.....	24
1.2.2 Sexualidade e pulsão como forças motivadoras da repetição.....	26
1.2.3 Repetição sob o domínio de alguns Princípios de Funcionamento mental: Tendência Constância e o Princípio do Prazer	30
1.3 Da repetição à compulsão à repetição na transferência	34
CAPÍTULO II	38
A INTRODUÇÃO DA PULSÃO DE MORTE E O ESTATUTO DA COMPULSÃO À REPETIÇÃO APÓS 1920	38
2.1. A introdução da pulsão de morte e a constituição da segunda tópica	38
2.2 Compulsão à repetição para além do Princípio do Prazer	41
2.3 Compulsão à repetição e o trabalho de ligação: finalidade ou consequência?	46
CAPÍTULO III	52
A COMPULSÃO À REPETIÇÃO E ALGUMAS IMPLICAÇÕES PARA PENSAR SUA POTENCIALIDADE TERAPÊUTICA	52
3.1 Considerações sobre o Processo Primário, o Processo Secundário e o papel do Eu no trabalho de ligação (Bindung)	532
3.2 Os Processos primários e a Desfusão pulsional nos processos repetitivos	58
3.3 Os Processos secundários e a fusão pulsional: ligações e possibilidades terapêuticas em processos compulsivos repetitivos.....	61
3.4 Possibilidades de aproveitamento terapêutico da Compulsão a Repetição: algumas leituras	66
CONCLUSÃO	69
REFERÊNCIAS	74

INTRODUÇÃO

“Se não conseguirmos ver as coisas claramente, pelo menos veremos claramente quais são as obscuridades” (Sigmund Freud, 1926/1986).

A mudança da tópica na teoria Freudiana, a partir de 1920, culmina em grandes transformações tanto na teoria cunhada pelo autor, quanto na prática da qual ele a deriva; mudanças essas que, em última instância, parecem comprometer o alcance da técnica psicanalítica freudiana. Tendo em vista que o conceito de Repetição é atingido diretamente por essas transformações, propusemo-nos a pensar uma aproximação entre a clínica e a metapsicologia, de forma a examinar nas obras de Freud como se dá o seu desenvolvimento e os desdobramentos a partir da hipótese da Pulsão de Morte em 1920. Em particular, interessamos verificar a possibilidade de encontrarmos potencialidades frente ao fenômeno da Compulsão à Repetição em se tratando da clínica Psicanalítica

Para examinar tal conceito, nos debruçaremos na obra do autor, levando em consideração estudos de alguns autores contemporâneos, que nos indicam uma potencialidade terapêutica inerente à Compulsão à Repetição. Nesse sentido, buscamos pensar como é construída a relação da Repetição com a descoberta da Pulsão de morte, e os demais desdobramentos pelos quais a Repetição vai sofrendo, na interface entre a experiência clínica de Freud e seus estudos metapsicológicos. Esbarramos, dessa maneira, na questão de pensar sobre as potencialidades inscritas na negatividade referente à pulsão de morte quando em relação à repetição, principalmente, por conta desta ser entendida, em muitos momentos da obra, como negatividade pura.

Sendo assim, aprofundarmo-nos nesse estudo nos faz refletir, também, sobre a complexidade de nossa prática enquanto terapeutas, balizados por essa teoria. O interesse por essa temática se deu no decorrer do percurso de formação em Psicologia na Universidade Estadual de Maringá, mais precisamente através da escuta clínica em um estágio extracurricular de Psicologia Hospitalar realizado no Hospital Universitário Regional de Maringá. Essa escuta possibilitou-me entrar em contato com narrativas que traziam sempre o problema da repetição, seja a repetição de um destino, de uma dor, ou de um sintoma. Diante de tamanho sofrimento, por vezes, eu, ainda em formação, já me deparava com um dos grandes entraves da Psicanálise: o papel do analista diante dos designios de à impotência. A partir dessa experiência, coloquei-me na trilha de pensar e estudar a fundo esse conceito, a fim de verificar, na obra de Freud, como ele se desenvolve, e como, enquanto terapeuta, podemos

nos aproximar dessa problemática no *setting*, e quem sabe, intervir sobre ela. A dor da repetição aparece, à primeira vista, como uma dor incontida da qual não se sabe dizer, mas que, ao mesmo tempo, parece se impor como um destino implacável. A Psicanálise, por sua vez, é da opinião de que o destino é, em sua maioria, arranjado pelo sujeito, assim o clama a cuidar e se responsabilizar pela desordem com a qual se convive. Por esse viés e recorrendo à análise metapsicológica que seguiremos na trilha de esmiuçar tais questões.

A metapsicologia segundo Freud (1915/1986) cumpre com objetivo de aclarar e aprofundar as suposições teóricas que estariam na base de um sistema Psicanalítico. Também entendida como Psicologia profunda, visa, debruçar-se em relação à psicanálise considerando-a em três perspectivas: a dinâmica, a econômica e a topológica. A primeira faz menção às forças subjacentes aos processos psíquicos, sendo essas forças derivadas das pulsões do organismo. A econômica refere-se aos investimentos que sofrem as representações psíquicas por determinadas quantidades de energia, assim regulado pelo Princípio de Prazer-Desprazer que sofre grandes transformações ao longo da teoria. Já o ponto de vista topológico concebe o aparelho psíquico como um instrumento composto por sistemas ou instâncias, o que possibilitaria localizar nele onde ocorrem os diferentes processos psíquicos (Freud, 1926/1989).

Segundo Laplanche e Pontallis (2001), esse termo foi criado por Freud para designar a Psicologia fundada sob uma dimensão teórica, elaborada a partir de um conjunto de modelo conceitual, um tanto distante da realidade, tal como a suposição de um aparelho dividido em instâncias, provido de energia psíquica e etc. O termo metapsicologia é encontrado nas cartas de Freud à Fliess, sendo usado para definir a originalidade da sua tentativa de edificar uma Psicologia que vá para o outro lado da consciência, avançado para onde a psicologia tradicional não teria avançado. A Psicanálise é, segundo Freud (1922/1986), o nome de um procedimento para investigação dos processos psíquicos que de outro modo são dificilmente acessíveis e tal como a física e a química, tolera muito bem que seus princípios sejam provisórios e espera uma maior previsão desses como resultado do trabalho futuro. Assim, são considerados metapsicológicos textos que elaboram ou explicam hipóteses subjacentes a Psicanálise, como o *Projeto de uma Psicologia Científica (1895)*, *A interpretação dos sonhos (1900)*, *Além do Princípio do Prazer (1920)*, *O ego e o Id (1923)*, entre outros.

No entanto, apesar das indicações constantes dos textos de Freud, não há unanimidade entre os comentadores em relação ao sentido da metapsicologia. Vejamos, por exemplo, a concepção de Fulgêncio (2011). Segundo esse autor, Freud considera a Psicanálise como

ciência natural, que por sua vez é composta por duas vertentes: uma empírica e outra especulativa. A primeira refere-se às teorias que advêm dos fatos empíricos, observáveis pela experiência clínica, e a segunda a um conjunto de conceitos especulativos que não são descritivos; esses ultrapassam os da psicologia dos fatos clínicos. Na visão de Fulgêncio (2011), o caráter especulativo da metapsicologia Freudiana se deve ao fato dela avançar para além da consciência, além dos fatos observáveis, isso é, para o inconsciente, habitado por elementos que não são diretamente percebidos, tais como as forças e energias de natureza psíquica. Pontua que as pulsões são o fundamento primeiro da metapsicologia, e que esta abarca também a concepção do psiquismo como aparelho, as energias, e os mecanismos psíquicos não observáveis, tendo como função tão somente auxiliar a organização dos fatos, estruturá-los e relacioná-los. Justamente por ver os conceitos metapsicológicos apenas como construções especulativas e auxiliares, considera a possibilidade de uma Psicanálise que não se utiliza da metapsicologia.

Segundo Barbelli (2016), um questionamento comum a autores como Fulgêncio, Holt entre outros, refere-se ao quanto a metapsicologia pode ser ou não considerada um modelo especial de ciência ou pode servir como ponte para assuntos como entre psicanálise clínica e a metapsicologia. Assim, para Holt (1989 apud Barbelli 2016), parece inexistente a relação que pode haver entre a metapsicologia e o resto da psicanálise, também supondo uma separação entre a clínica e a metapsicologia, ou seja, a clássica discussão de “domínios separados” que se postula em relação à teoria psicanalítica. Nota-se, assim, que para esses autores antimetapsicologia, a clínica é considerada como a verdadeira psicanálise, não restando espaço, portanto, para a teoria metapsicológica, alegando que ambos pertencem a pontos diferentes do discurso, considerando a metapsicologia como uma neurologia disfarçada, que inclui conceitos mal trabalhados e por vezes soltos no discurso.

Apesar das opiniões contrárias de alguns autores em relação ao caráter da metapsicologia como base conceitual do edifício psicanalítico, entendemos que para Freud, a clínica e a metapsicologia não só se completam como estão inter-relacionadas, de tal modo como vimos na definição de Psicologia no texto de 1926, mencionado acima. Também nesse sentido, vemos Freud em 1920 que, ao discorrer sobre a Compulsão à repetição, toma como ponto de partida o exame dos processos inconscientes, avançando para além da consciência ao descrever metapsicologicamente tal fenômeno. Assim, envereda-se pelo ponto de vista tópico, esclarecendo sobre os estudos dos lugares psíquicos, como o inconsciente e o pré-consciente/consciente e a dinâmica que se estabelece entre eles, tomando posteriormente o

inconsciente como Id, local onde encontrar-se-ia além do reprimido, as pulsões. Nesse sentido, avança para o ponto de vista econômico, em que toca questões mais obscuras sobre os processos mentais. Sob desdobramentos do Princípio do prazer, entra no tema das quantidades que circulam e afetam o psiquismo, e como elas se relacionam com o prazer e o desprazer, esbarrando no Princípio da Realidade e mais a frente, às pulsões. Do ponto de vista dinâmico, parte das resistências que se originam no ego, até o reprimido do inconsciente, descreve o jogo de forças que se opõe entre pulsões de vida – que são entendidas como aquelas responsáveis pelas ligações, e o esforço de colocar a vida em movimento, criando tensões – e as pulsões de morte, que agora como novidade apresentam-se como uma força disruptiva levando à situações de compulsão.

Tomando o fenômeno como global, o autor inclui os três pontos de vista, o que o fará mais complexo do que puro. Logo, parece evidente nas Obras de Freud o uso e a necessidade de uma metapsicologia para se pensar os fenômenos clínicos, como por exemplo, a transferência, e o aproveitamento da Compulsão à Repetição no Tratamento.

Dessa forma, através de uma pesquisa de caráter metapsicológico, pretendemos analisar as obras como *Projeto de uma Psicologia Científica (1985)*, *Recordar, Repetir e Elaborar (1915)*, *Além do Princípio do Prazer (1920)* e *o Eu e o Id (1923)*. Partindo dessas leituras, por meio de uma pesquisa bibliográfica nas obras de Freud em ordem cronológica de suas publicações, utilizaremos a metodologia qualitativa e o referencial Psicanalítico com enfoque na metapsicologia freudiana. Também serão abordadas contribuições de autores mais recentes que se dedicaram a esmiuçar tal temática e que nos convidam à reflexão. Garcia-Roza (1991), considera que estudar a metapsicologia freudiana implica em refazer o caminho percorrido por Sigmund Freud na elaboração de sua teoria. Esse percurso que se justifica, segundo Monzani (1989), por conta dos conceitos psicanalíticos não serem estáticos, e os avanços que sofrem se darem em virtude do trabalho clínico, pela integração com os dados da experiência.

Por meio de revisão bibliográfica, procuraremos acompanhar o movimento em espiral que caracteriza o pensamento de Freud, partindo do pressuposto de que ele continuamente revisa e retifica sua teoria a partir da experiência clínica. Nessa perspectiva, segundo Monzani (1989), podemos nos referir à obra de Freud por vários aspectos devido às mudanças de posição que ele assume. Ainda Monzani (1989) aponta que é importante tomar a produção como uma rede de significações que pode ser explicada, comentada e interpretada, não tomando como ponto de partida a validação ou retificação da teoria, mas o significado imerso

na trama dos conceitos. Tais exposições fazem jus a nosso interesse de entender os desdobramentos da mudança do estatuto da repetição na obra de Freud, assim como a sua relação com a pulsão de morte e, sobretudo, a potencialidade que a Compulsão à Repetição pode apresentar.

Cumprido esclarecer que os estudos de Freud sobre a pulsão de morte não foram bem aceitos por diversos integrantes do movimento Psicanalítico, postura que o próprio autor considerava como compreensível, já que ele próprio via com reservas essa ideia quando de sua proposição inicial. Apesar disso, ele reconhece, em 1930, que, nessa época, já não conseguia pensar a Psicanálise fora dos pressupostos baseados no dualismo entre pulsões de vida e de morte, esta última que é entendida, até hoje, como uma das noções mais controversas na Psicanálise.

Freud apresenta a pulsão de morte, em 1920, como uma pulsão por excelência, inscrevendo-a, primeiramente, em terreno mais biológico do que psíquico, relacionada à uma ideia de retorno ao inanimado, etapa anterior à vida e também à busca incessante pelo sofrimento através da repetição. No entanto, segundo Laplanche e Pontalis (1924/2010), algumas das razões para que a pulsão de morte não fosse bem aceita no meio Psicanalítico são: a recusa de pensar a agressividade como inata, tentativas outras de descrever a gênese da agressividade e a recusa de fazer da redução das tensões apanágio de um grupo determinado de pulsões.

Nessa linha de raciocínio contrária à ideia alcunhada por Freud, inscrevem-se autores como Winnicott (1987), que afirma categoricamente que não acha válida a ideia de pulsão de morte, referindo-se a ela como um dos únicos erros de Freud. Segundo esse autor, a agressividade não provém da pulsão e não é algo inato, mas advém de falhas ambientais concernentes às qualidades de cuidado dispensadas por um cuidador nos primeiros anos de vida. O autor ainda considera a repetição do que é doloroso não como relacionado à pulsão, mas como uma necessidade do sujeito em reviver uma situação que foi traumática agora com condições de integrá-la em sua área de controle.

Outro autor psicanalítico, Wilfred Bion (1963/1991), nunca repudiou formalmente a pulsão de morte como Winnicott, mas instituiu a noção de “instinto por verdade”, referindo-se à verdade emocional que, segundo ele, estabelece-se com relação ao reprimido. Bion remete a questão da pulsão de morte para segundo plano, isto é, entende-a como um armamento defensivo mobilizado pela ansiedade contra a percepção de dor mental relacionada à vivência de vínculos. Além desses autores, Laplanche (1988), por sua vez,

entende a pulsão de morte relacionada à noção de nirvana, isto é, retorno à ausência de excitações. Não a considera como inata, mas sim como resultado do recalque originário advindo de um trauma.

Já em concordância com o pensamento freudiano, Melanie Klein (1932) dá grande importância à agressividade e ao sadismo na estruturação do psiquismo, defende a pulsão de morte como originária desde o nascimento, derivando dela a inveja nos primeiros anos de vida e a capacidade de amar e odiar; nesse sentido, embora tendo suas especificidades, continua elaborando e aprofundando as posições de Freud.

Muito antes de Freud, porém, Sabina Spielrein (1912/1981), em seu artigo intitulado *Destruição como causa do devir*, indagou-se, utilizando-se de suas observações clínicas e dos textos a que consultava na época, se não esconderíamos forças pulsionais capazes de mover o psiquismo, independente dos sentimentos de prazer e desprazer. Spielrein localiza, assim, um componente de morte presente no instinto sexual. No entanto, salvaguardando as diferenças entre este e a pulsão de morte proposta por Freud, entendemos que Spielrein não visa relacionar esse componente ao retorno ao inanimado, ou à inércia, ou morte psíquica, mas sim a destruição do Eu, que se transformaria em Nós. Para ela, a destruição seria a causa de transformação, e, em analogia à mitologia grega em que morte é símbolo do salvador, apresenta a morte como destrutiva para o instinto sexual, mas, ao mesmo tempo, sinônimo de criação no plano da transformação do indivíduo e manutenção da espécie, da qual dependeria a criação de novos seres. O instinto sexual e o instinto de morte a ele associado trabalhariam no sentido da conservação da espécie em contrapartida com o instinto de autoconservação, que teria com o objetivo manter a inércia da personalidade do Eu.(Caropreso, 2016).

Spielrein (1912/1981) utiliza-se, também, da biologia para explicar tais achados, ilustrando esse componente de morte na tendência de destruição do organismo biológico. Ela fala sobre a procriação, referindo-se à destruição inerente ao surgimento da vida, momento em que células morrem para dar origem a outras novas, ou pela sensação de morte que a perda de substâncias sexuais gera no indivíduo e retrata ambos como decorrentes de um componente instintual de morte presente nos instintos sexuais.

Quando Freud, por sua vez, lança o conceito de pulsão de morte, opondo-a à pulsão de vida, cujo objetivo seria gerar novas excitações e colocar a vida em movimento, salienta que esse novo grupo de pulsões atua de modo compulsivo, levando o indivíduo a procurar destruição, morte. Assim, o aparelho psíquico e a teoria freudiana ganham uma reformulação. Freud refere-se à pulsão de morte como caos pulsional equivalente ao trauma e que atua de

modo regressivo, produzindo desligamentos. No entanto, em outros momentos, em tom otimista, o autor pontua que as pulsões são forças fundamentais, justamente porque exigem que o psiquismo trabalhe, ou seja, constituem "[...] as verdadeiras forças motrizes por detrás dos progressos" (Freud, 1915/1986, p. 126).

Já alguns autores contemporâneos, discutem a pulsão de morte proposta por Freud sob diferentes olhares. Garcia Roza (1991) e Paim Filho (2010) conjecturam sobre a possibilidade de abertura ao novo que a pulsão de morte carrega no repetir. Segundo eles, através dos desligamentos que esta proporciona, há a possibilidade de novas criações e não apenas finitude ou destruição. Nessa linha de raciocínio, Paim Filho (2010) traz que a pulsão de morte quando relacionada à Compulsão à Repetição não deve ser tomada apenas como a vilã dos processos psicopatológicos, já que, ao pulsar, via repetição, cria uma possibilidade de a pulsão, até então muda, ser escutada, e, por meio desse encontro, surgir a possibilidade de ser simbolizada.

André Green (1984/1988) propõe que a meta principal da pulsão de vida é garantir a função objetualizante, isto é, realizar ligações com o objeto e, ao mesmo tempo, a transformação de estruturas em objetos mesmo quando este não está mais presente, de modo tal que o investimento torna-se objetualizado. Já a pulsão de morte tem a função desobjetualizante, isto é, de desfazer ligações, não somente atacando objetos, mas os seus substitutos, tal como o investimento. Assim, para Green (1984/1988), a pulsão de morte promove desligamentos, e é por meio deles, dos vazios, que os processos de simbolização podem se proliferar e enriquecer o psiquismo. Green (1984/1988) também aponta que, muitas vezes, há críticas referentes à ideia de que o conceito de pulsão de morte ignora a influência do ambiente no psiquismo, o que não é válido, já que as modulações entre pulsões de vida e de morte se dão em conformidade com as primeiras relações objetais, processo afetado pela natureza do meio.

Em relação a repetição, não é diferente, autores contemporâneos nos remetem a visões díspares. Marucco (2007) nos revela três tipos de repetições: a repetição edípica, que pode ser representada e está sob domínio do Princípio do Prazer; a repetição do não representado, que está vinculado aos conteúdos recalçados; e a repetição do soterrado, que advém do irrepresentável no trauma, ou seja, um excesso que não possui representação. Relacionado à esta última repetição em que remetemos a compulsão à repetição demoníaca de Freud, Marucco (2007) apresenta um sujeito agarrado ao destino, um tempo retido, coagulado na repetição de “marcas” primeiras de registros pré-psíquicos. Nesse sentido, fala do núcleo em

que se condensam as configurações específicas da pulsão com as primeiras identificações e onde se encontram as chaves daquilo que se expressa, na clínica do para além do Princípio de Prazer, que produz os maiores obstáculos no processo da cura, mas que também poderiam ser superados quando o analista assume papel de sonhar, assume o desafio de construir fantasmas onde só há inscrições pré-verbais.

Bleichmar (1998) nos comunica sobre quatro tipos de repetição sendo elas: a repetição do prazeroso; a repetição da transferência, que envolve conteúdos reprimidos; a repetição do traumático, que teria por finalidade a ligação das energias livres; e a repetição pulsional, da qual sua finalidade consiste apenas em retornar ao estado inanimado. Com relação a essas considerações, Pereira (2013) nos coloca a seguinte questão metapsicológica: qual será o mais além que governaria o psiquismo na compulsão à repetição? Será o trabalho de ligação das energias livres, anterior à compulsão ou o resultado dela?

Seguindo tais postulações e inquietações, trabalharemos no sentido de entender o estatuto da compulsão à repetição na obra de Freud e as potencialidades e limitações que a mesma encerra ao relacionar-se com a pulsão de morte mormente na clínica, já que, segundo Freud (1937/1986), em lugar de investigar como se daria a cura na Psicanálise, a pergunta deveria se referir a quais obstáculos se encontram no caminho de tal cura. Para tal discussão, buscamos explicitar, na relação entre compulsão à repetição e pulsão de morte, os aspectos que podem dar margem ao entendimento dos autores atuais sobre as potencialidades inscritas na Compulsão à Repetição, afinal, em uma primeira leitura, vemos na obra de Freud que a Compulsão à Repetição após 1920 está diretamente relacionada e é inerente a uma tendência inata ao organismo em infringir sofrimento, em diminuir a excitação pulsional até chegar à ausência de tensão, ou seja, à morte

Assim sendo, o manejo clínico para com os sintomas associados à Compulsão à repetição animada pela pulsão de morte levar-nos-ia para o que Freud chamaria de análise interminável em 1937? Haveria sempre um mais além que escaparia à simbolização ou elaboração psíquica na compulsão à repetição? Tentaremos refazer essa trilha, buscando abordar mais detalhadamente os mecanismos de fusão e defusão das pulsões, considerados por Freud, principalmente, em *O Eu e o Id* (1923/1986), a possibilidade de sublimação da energia disruptiva associada a pulsão de morte, assim como questões referentes ao trauma, processo de ligação, e a passagem do Processo Primário para o Processo Secundário. . Tendo em vista que as visões dos autores atuais parecem se aproximarem da concepção positiva de

Spielrein sobre as pulsões de morte, buscaremos compreender como Freud entende e justifica essa visão, tendo como norte o estudo da Compulsão à Repetição.

Com fins de estruturação, dividimos o trabalho em quatro capítulos. O primeiro capítulo, intitulado *Algumas considerações sobre a repetição e a constituição da Clínica Psicanalítica antes de 1920* visa percorrer os escritos de Freud em relação à técnica e a teoria, vislumbrando relacionar o que se passava no período Pré-Psicanalítico e como surgia, aí, a repetição. Assim, abordaremos, principalmente, a relação da repetição, o sintoma, os sonhos e, posteriormente, a compulsão a repetição. O segundo capítulo, cujo título é *A introdução da pulsão de morte e o estatuto da Compulsão à repetição após 1920*, aborda a relação demoníaca da repetição com a pulsão de morte e a ampliação da teoria. O terceiro capítulo, *A Compulsão à Repetição e algumas implicações para pensar sua potencialidade terapêutica*, versa sobre uma discussão à respeito dos funcionamentos psíquicos envolvidos na repetição e principalmente as potencialidades pulsionais inscritas no fenômeno.

CAPÍTULO I

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A REPETIÇÃO NA CLÍNICA PSICANALÍTICA ANTES DE 1920

Este capítulo tem como objetivo apresentar como foi pensado o conceito de repetição na obra de Freud, já que percebemos que esse conceito aparece desde os primórdios do construto freudiano, tendo um papel fundamental e estruturante no psiquismo. A repetição aparece nos primeiros textos do autor, anteriores a 1920, como constitutiva do psiquismo, tendo em vista o retorno das vivências de satisfação e estruturação psíquica. Násio (2013) em seu livro *Por que repetimos os mesmos erros?*, comunica-nos os efeitos benéficos da repetição, o que vai ao encontro da ideia de Freud nesse primeiro momento. Assim, entende-se tal repetição como aquela que estrutura nosso ser, já que permite a continuidade da vida. A repetição faz o contato com o passado e o futuro, já que não há novidade que exclua vestígios do passado, e o passado nos permite saber quem fomos e quem nos tornamos, uma vez que, ao repetir, consolidamos o sentimento de que somos os mesmos ontem e hoje.

No entanto, ao longo das obras, observamos que a repetição segue um trajeto que perpassa a vivência de prazer até um deslocamento para uma busca do sofrimento. A reviravolta de 1920, quando Freud propõe a hipótese da pulsão de morte e lança a segunda topologia do aparelho psíquico, tem sérias implicações para o conceito de repetição que ganha, também, caráter demoníaco, advindo de uma tendência pulsional do organismo em fazer retornar ao inanimado, à morte.

Como dissemos na Introdução, segundo Monzani (1989), tomamos a teoria de Freud como um espiral que se constrói, através e juntamente, com sua experiência analítica. Dessa forma, entendemos que o conceito de repetição se modificou em consonância com as descobertas que Freud fazia em suas observações clínicas. Assim, falar sobre a mudança de estatuto que o conceito sofre ao longo da obra nos faz mergulhar um tanto na construção da técnica psicanalítica antes e após 1920; até mesmo, porque, segundo Herman (1989), “a teoria organiza a técnica, que orienta o processo, que origina a teoria” (p. 18).

Dessa forma, organizamos o capítulo dividido em três seções. A primeira, cujo nome é *O período pré-psicanalítico: aproximação ao problema da repetição no sintoma*, que aborda a construção de Freud, no sentido de sua prática e teoria, e a repetição em relação aos sintomas das histéricas. A segunda refere-se à *Repetição a partir de 1900: a consolidação do*

método da Psicanálise, na qual trabalharemos com os avanços das técnicas em relação ao sintoma. A terceira é nomeada *Da repetição à compulsão à repetição na transferência: considerações sobre a técnica psicanalítica antes de 1920*, momento em que abordaremos a questão da repetição na transferência.

1.1 O período pré-psicanalítico: aproximação ao problema da repetição no sintoma

Freud (1888/2011) começa seus estudos às voltas com a histeria, grande mal da sua época. As histéricas eram mulheres que sofriam de dores e outros sintomas que a medicina não explicava, pois, na contramão da tendência organicista da época, não eram localizadas alterações biológicas e/ou fisiológicas nessa doença. Tal fato abriu caminho para Freud (1888/2011) entender a histeria como uma doença cuja origem e explicação ficavam a cargo do psíquico e o entendimento a partir desse fato se deu no sentido de que os pacientes sofriam de um excesso de excitação no sistema nervoso. Assim, é da escuta dessas mulheres que nasce a Psicanálise: a escuta de uma dor incontida, da qual não se tinham muitas palavras para se descrever, tampouco métodos para se investigar.

A sintomatologia histórica referia-se, principalmente, a convulsões, zonas histerógenas (supersensíveis), distúrbio de sensibilidade, distúrbio sensorial e paralisias contratuais, tendo a hereditariedade importância fundamental nessa doença. Segundo Freud (1888/2011), o fator determinante para que a doença irrompesse seria um trauma, um luto ou uma intoxicação, assim como o modo de criação das crianças, muito mimado, sem limites ou autoridades. De qualquer modo, o trauma tornar-se-ia a causa incidental mais frequente da doença que, como um estado nervoso, eclodia de tempos em tempos.

Esses distúrbios psíquicos são alterações no curso e na associação de idéias, inibições na atividade da vontade, exagero e repressão de sentimentos etc. – que podem ser resumidos como alterações na distribuição normal, no sistema nervoso, das quantidades estáveis de excitação (Freud, 1888/1986, p. 54 . Tradução nossa).

Tendo em vista sua etiologia, influenciado por Breuer e Charcot, médicos que também se debruçavam sobre os estudos da histeria na época, a primeira técnica a que Freud (1891/1986) se depara, para tratar das histéricas na clínica, é a hipnose. Segundo o autor, o tratamento hipnótico consistia em primeiro, induzir um estado hipnótico que corresponderia à um estado de sono e, segundo, em veicular sugestões à pessoa hipnotizada.

Assim, colocando o paciente em estado de transe hipnótico, o Psicanalista utiliza-se tanto do método catártico, a fim de evocar as vivências esquecidas, quanto da sugestão, a fim de, por meio de intervenções pela fala ou pelo toque, fazer com que o paciente deixe de apresentar os sintomas ou se lembre de coisas quando em vigília. Desse modo, entende-se que os sintomas têm um significado que, a princípio, está oculto e seu desvelamento implica em desaparecimento. Nessa trilha, percebe-se que a doença tem como origem acontecimentos que, por algum motivo, encontrar-se-iam fora da consciência e que deveriam ser revividos conscientemente (Freud, 1991/1986).

Entende-se, nesse momento, que os sintomas histéricos desaparecem após o processo de trazer a experiência esquecida à consciência e descrevê-la por meio de palavras. Desse modo, Freud (1991/1986) percebe que afetos desligados de representações são evocados e religados por meio de registros verbais. Observado isso, fica claro que ao surgir, na consciência, uma representação que esteve vinculada a um afeto intenso, pela repetição, há a possibilidade de que esse afeto seja revivido com maior ou menor intensidade, fazendo com que o sintoma desapareça.

Ele põe termo à força atuante da representação que não fora ab-reagida no primeiro momento, ao permitir que seu afeto estrangulado encontre uma saída através da fala; e submete essa representação à correção associativa, ao introduzi-la na consciência normal (sob hipnose leve) ou eliminá-la por sugestão do médico, como se faz no sonambulismo acompanhado de amnésia. (Freud, 1893/1986, p. 271. . Tradução nossa).

Desse modo, o afeto, quando não eliminado por uma ab-reação¹ ou pela atividade associativa do pensamento, é descarregado posteriormente, por um reflexo anormal e transformando-se em fenômeno somático, ou seja, em sintoma. Admite-se que as experiências que liberaram o afeto original, cuja excitação é convertida em fenômeno somático, são traumas psíquicos manifestando-se patologicamente como sintoma histérico de origem traumática. Os traumas decorreriam de um excesso que, ao invés de ser externalizado em palavras e atos, seria suprimido e correria por vias erradas até a formação de sintomas, como Freud (1910/1986) pontua: “a essência da doença consistia em que esses afetos ‘estrangulados’ sujeitavam-se então a um emprego anormal” (p. 234).

Faz-se digno de nota que as lembranças traumáticas que emergiam fora da consciência eram, em sua maioria, de caráter sexual e, por pertencerem a épocas remotas, dizia-se que as

¹ Ab-reação: esmaecimento ou perda do afeto da lembrança, ocorre quando há uma reação enérgica ao fato que provoca um afeto – ato de vingança, lágrimas, palavras, reações em graus suficientes (Freud, 1893/2011).

históricas sofriam de reminiscências. Algumas dessas lembranças referiam-se a abusos sexuais; no entanto, muitas outras referiam-se a lembranças visuais e/ou auditivas ligadas a sexualidade, de tal modo que Freud considerou a etiologia sexual a causa específica das histerias, o que veremos nas seções seguintes. Considerando o exposto, o autor conclui, por meio de suas investigações, que a base dos casos de histeria seriam experiências sexuais que ocorreriam anteriormente à puberdade, experiências infantis que poderiam ser evocadas pelo trabalho da hipnose, mesmo após muito tempo. Assim, essas vivências consistiam em um trauma localizado em algum momento da infância do indivíduo.

As experiências clínicas de escuta dos sintomas dos adultos levaram Freud por um longo caminho que culminou na descoberta da sexualidade na infância. As repetições dos sintomas dos adultos abriram caminho para se descobrir e ampliar a visão sobre a sexualidade na criança. A puberdade, até então, era vista como o despertar da mesma, no entanto, agora, vê-se que a sexualidade já está presente desde os tempos primeiros, e estas diziam respeito ao contato com o próprio corpo. Aqui, não se entende a sexualidade com fins reprodutivos, mas trata-se da pulsão sexual presente desde o início da vida como pulsão parcial, alocando-se em zonas erógenas.

Nesse sentido, a criança que sofrera alguma experiência de abuso na infância, não possuindo recursos psíquicos suficientes para lidar com aquele fato excessivo, passaria, na puberdade, em função de experiências novas, a lidar com as lembranças traumáticas que viriam a tona. A princípio as lembranças não seriam recalçadas, o que aconteceria num segundo tempo, a partir de novas experiências que conteriam traços associativos com aquela. Assim, essas experiências anteriores que fugiram à integração, posteriormente seriam remodeladas a partir de novas experiências, o que permitira uma maior eficácia psíquica ao lidar com os fatos, ou a formação patogênica na histeria. Segundo Laplanche e Pontallis (1982/2001) essa remodelagem é o que permitiria que experiências antigas ganhassem outro sentido, em outro tempo, somadas à novas vivências.

No entanto, ao observar que não seria justificável pensar que todos os casos de histeria teriam, como causa, um abuso sexual real, já que se assim fosse, todos os pais seriam pervertidos, Freud dá atenção especial à fantasia do paciente como um mecanismo do qual poderia surgir o trauma psíquico sem que, necessariamente, uma situação real externa tenha ocorrido. Aqui privilegia-se o papel da fantasia na vida psíquica, entendendo que no inconsciente não haveria indicação de realidade já que esta pode ser confundida com ficção investida de afeto. Há que se esclarecer que Freud (1917/1986) entendia o trauma, até então,

como um choque advindo do exterior, excluindo o sujeito, que ocorreria pontualmente e seria resultado de um afluxo de excitação vindo de fora, o qual o indivíduo não estaria preparado para receber. Em contrapartida, entendendo que muitas das cenas de sedução das quais as pacientes queixavam-se não encontravam ancoragem na realidade externa, o autor entende que tratava-se de cenas fantasiadas e não reais, mas que apesar de seu caráter fantasmático, diriam respeito à realidade psíquica do sujeito tendo importância causal equivalente. Parece, então, surgir aos olhos do autor, o conflito entre o mundo interno e o mundo externo (Freud, 1917/1986).

Assim sendo, notamos que, à princípio, Freud entende que as pacientes teriam sofrido sedução sexual durante a infância por parte dos pais, lembranças que por não se integrarem no psiquismo, viriam a tona na puberdade, culminando na *Teoria da Sedução*. Contudo, devido às suas experiências clínicas que não corroboravam com tal entendimento e a constatação da sexualidade presente desde a infância, ele abandona essa hipótese e a substitui pela *Teoria da Fantasia*, em que pontua a importância do psiquismo e do mundo interno em detrimento do mundo externo. (Freud, 1917/1986).

Tendo em vista o exposto anteriormente, podemos concluir que, em um período inicial da prática clínica e da teorização freudiana, a que denominamos Pré-Psicanalítico, momento em que as histéricas abrem caminho para o surgimento da Psicanálise, a repetição aparece tendo íntima relação com a reparação dos sintomas e, também, implicada no processo de cura. Freud entende que suas vivências traumáticas afastadas da memória consciente encobriam, na verdade, o infantil e seu caráter sexual, o que se constituía, por vezes, como um excesso não ab-reagido e, por isso, destinado à formação de sintoma, a sexualidade então mostra sua força disruptiva. Assim sendo, repetia-se o sintoma, substituto daquilo que foi afastado da consciência e que se relaciona com a sexualidade. Toma-se o sintoma como uma saída para o excesso proveniente do trauma que não fora descarregado de maneira normal. Notamos, assim, que a “repetição” aparece relacionada a um *quantum* de excitação que sobra e que é destinado à somatização. Observamos que, também no processo de cura, a repetição aparece tendo importância fundamental, já que, entende-se que ao reviver durante a hipnose, ou seja, repetir uma vivência traumática, propicia-se a ligação do afeto à representação verbal de tal forma a dar cabo do excesso que originara o sintoma. Assim, excesso de energia, ligação e repetição parecem construir uma teia, essa que irá nos acompanhar durante o desenvolvimento do trabalho.

1.2 A repetição no período de consolidação da Psicanálise

Em 1895, Freud começa a questionar-se consideravelmente sobre o método da hipnose, levantando objeções como: a descrença na influência hipnótica, a dificuldade em utilizar a técnica com alguns pacientes dificilmente hipnotizáveis, a periculosidade do estado vulnerável que se encontravam os pacientes em transe, além da importância que observara da relação consciente entre médico e paciente na realização do tratamento. Nesse momento, Freud aproxima-se da ideia de Associação Livre, que, a princípio, denomina de método catártico ou técnica da pressão.

A fim de continuar investigando as lembranças patogênicas, o médico passou a insistir para que os pacientes não hipnotizados comunicassem associações a fim de encontrar caminhos para se chegar ao desconhecido. Desse modo, pergunta ao paciente, em estado de vigília, se o mesmo sabe qual a origem de sua doença e assim insiste, fazendo-lhe pressão em alguma parte de sua cabeça. Freud percebe que é possível trazer à tona as lembranças esquecidas, mesmo sem utilizar a hipnose, e conclui que as mesmas não estão perdidas, mas continuam de posse do paciente, mesmo quando parece que não (Freud, 1981/1986).

Em *A interpretação dos Sonhos* (1900/1986), texto que inaugura a Psicanálise como disciplina independente e fundamenta a Associação Livre e a Transferência como métodos terapêuticos, o autor refere-se aos sintomas como substitutos de atos psíquicos não realizados a que se procura desvendar. Assim, o médico coloca-se com atenção flutuante, evitando julgamentos ou atividades mentais conscientes a fim de acessar o que está oculto na escuta dos pacientes. Nasce, assim, a arte da interpretação. Nesse momento, encontram-se atos psíquicos de pessoas normais tendo completa similaridade com os sintomas dos neuróticos, como, por exemplo, os sonhos. Os sonhos também parecem conduzir uma mensagem oculta que, quando desvendada, traz à tona memórias relativas à primeira infância e que não aparecem na vida de vigília. Freud (1900/1986) pontua que se encontra, nos sonhos, “a criança que segue vivendo seus impulsos” (p. 223).

Assim, chega-se à novidade de que todo sonho carrega conteúdos latentes, ligados a experiências antigas, e conteúdos manifestos, ligados a experiências recentes que tendem a se repetir. Com a observação do material oculto dos sonhos, surge uma nova tarefa: a de investigar a relação entre o conteúdo manifesto e o conteúdo latente, este último que motivou a formação do sonho e que é desconhecido, assim, parece estar fora da consciência. Faz-se necessário, também, na interpretação dos sonhos, estabelecer associações entre os elementos

dos sonhos e todos os outros que passarem pela cabeça do paciente, de tal modo que quando as ideias emergem, elas precisam ser entendidas como elos intermediários e esgotadas até que se chegue ao pensamento que deu origem ao sonho – método da Associação Livre.

Durante o trabalho de interpretação dos sonhos, faz-se notório que as resistências se intensifiquem conforme ambos, paciente e analista, aproximam-se do material latente. Desse fato, conclui-se que o material psíquico, aparentemente esquecido, ainda continua à disposição para além das resistências que o impedem de se tornar consciente. Nesse momento, o autor, que já começara a pensar sobre lugares psíquicos com a aparente dupla consciência das histéricas, entende que existe, no psiquismo, algo além da consciência: o inconsciente, lugar em que se encontram as lembranças que são afastadas da consciência e salienta que, mesmo no período de latência, ou seja, enquanto os ataques histéricos não estão ocorrendo, a causa dos mesmos continua existindo no inconsciente, o que levá-lo-á a questionar-se sobre uma tendência a dissociar lembranças e elementos e, adiante, sob uma visão tópica, à divisão dos processos psíquicos ainda em 1900.

Parece notório que, nesse momento, os pacientes histéricos repetem situações e sintomas que, em si mesmo, não se explicam, mas desaparecem quando associados à histórias esquecidas, à fenômenos que só se reaparecem na consciência quando em hipnose, e que não se manifestam por meio da fala ou da recordação em estado de vigília. (Freud, 1895/1986, p. 15. Tradução nossa).

Com essa descoberta, surge a primeira tópica freudiana. Ao longo do desenvolvimento de sua teoria, o autor constrói duas tópicas a fim de tornar compreensível o funcionamento do aparelho psíquico. Nesse momento, lança a base para a primeira, e, assim, vinculada a ela, sob uma perspectiva dinâmica, temos, também, o primeiro dualismo pulsional. E, além disso, faz-se necessário nos determos a maneira com que Freud pensa o aparato psíquico, este que vai se desenvolvendo ao longo do tempo, perpassado por princípios.

1.2.1 A constituição da primeira tópica psicanalítica e o problema da repetição

Freud (1900/1986) expõe sua primeira tópica no capítulo VII de *A Interpretação dos Sonhos*, tendo em vista que o aparelho psíquico se constitui por três sistemas: o Consciente, o Pré-Consciente e o Inconsciente, cada um com seu modo de funcionamento. Propõe a constituição de uma Consciência que detém o controle sobre a motilidade, capaz de discriminar qualidades psíquicas por meio da percepção, sistema que recebe excitações do

exterior e do interior do organismo e incapaz de conservar traços de memória, em oposição aos sistemas Pré-Consciente e Inconsciente, que são sistemas mnêmicos.

O Pré-Consciente é apresentado como uma instância crítica e mediadora, que serve como um anteparo entre a Consciência e o Inconsciente, estando mais próximo do Inconsciente. O Pré-Consciente seria um regulador de conteúdos, que poderiam ou não ser reconhecidos pelo indivíduo, e, também, regulador da motilidade voluntária que foi desenvolvida pelo organismo a fim de garantir proteção contra o desprazer das excitações provenientes do Inconsciente.

O Inconsciente, por sua vez, não apresenta nenhuma característica física, nenhum processo químico, sendo completamente inacessível. Pode, no entanto, entrar em contato com os processos psíquicos Conscientes e, até mediante trabalho, transformar-se neles através do Pré-Consciente, isto é, submetendo-se a modificações no processo excitatório. No Inconsciente há funcionamento primário, isso é, energia livre buscando descarga total, e nele se aloca o que foi reprimido dinamicamente, e que permaneceria ignorado não fossem seus efeitos produzidos na Consciência, tais como vimos nos sintomas e nos sonhos. No entanto, inscreve-se a observação de que existe uma força que impede ou dificulta que lembranças inconscientes, tanto nos sonhos quanto nos sintomas, venham à Consciência e apareçam na experiência analítica toda vez que se faz o esforço de invocá-las. Essa força passa a ser entendida como resistência.

Assim, eu havia confirmado que as recordações esquecidas não se haviam perdido. Encontravam-se em poder do doente e prontas a ressurgir em associação com os fatos ainda sabidos, mas alguma força as impedia de se tornarem conscientes e as fazia permanecer inconscientes. Era possível supor com certeza a existência desta força, pois sentia-se-lhe a potência quando, em oposição a ela, se intentava trazer à consciência do doente as lembranças inconscientes. A força que mantinha o estado patológico fazia-se sentir como resistência do enfermo. (Freud, 1900/1986, p. 20. Tradução nossa).

Entende-se, então, que desejos moralmente não aceitos – e, por isso, perigosos – são barrados da Consciência. Em um movimento de autopreservação, são reprimidos e levados ao Inconsciente a fim de que não se perpetue os sentimentos de desprazer por eles gerados, a saber, o desprazer moral. Há que se falar, nesse momento, em defesas e resistências conscientes. Esses desejos reprimidos são, em sua maioria, relacionados ao sexual. Assim, encontramos no inconsciente o desejo infantil. No entanto, mesmo após a repressão, o desejo continua a existir inconscientemente e à espera de uma oportunidade de ser revelado, o que o autor percebeu ocorrer no sintoma e, agora, também no sonho. Assim, a repressão que atua

com o intuito de evitar o desprazer, também acaba impedindo o prazer da realização pulsional. Esse entendimento sobre a estrutura e o funcionamento do psiquismo, o qual Freud propõe nesse momento, é que fundamenta a concepção sobre a repetição. Repetem-se os conteúdos inconscientes infantis, que foram reprimidos, esses de cunho sexual, o que será melhor discutido na seção seguinte.

Com a descoberta da repressão, entende-se que o inconsciente torna-se a fonte do sexual reprimido e busca-se, no tratamento clínico, desvendar o caminho pelo qual a substituição do desejo inconsciente se deu; e, para isso, o sintoma, os sonhos, os lapsos de memória e, posteriormente, os atos falhos devem ser reconduzidos pelo mesmo caminho até a que ideia seja reprimida e as resistências sejam superadas. Segundo Laplanche e Pontalis (1982/2001), a passagem de energia entre os sistemas psíquicos deve seguir uma ordem determinada: os sistemas são percorridos em uma direção “normal”, isto é, do Inconsciente para o Consciente, passando pelo Pré-Consciente, que seria a direção progressiva. Ou uma ordem regressiva, da qual a energia seguiria o caminho inverso, o que ocorre nos sonhos em que pensamentos assumem caráter visual ou alucinógeno. O objetivo final dessa nova forma de tratamento pode ser alcançado quando o paciente puder aceitar o desejo que fora reprimido, integrá-lo ao psiquismo ou ser desviado a um alvo mais elevado (sublimação da pulsão sexual) ou, ainda, o paciente reconhecer como realmente necessária a repressão desse desejo.

1.2.2 Sexualidade e pulsão como forças motivadoras da repetição

Como expomos muitas vezes nos subcapítulos acima, Freud chega à conclusão de que, em sua maioria, a origem dos sonhos e dos sintomas está ligada preponderantemente ao componente sexual, já presente, para além da puberdade, na mais tenra infância. Essa ideia consolida-se com a apresentação da ideia de pulsão que vai aparecer explicitamente em *Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905/1986), quando Freud o define como:

Por pulsão podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do estímulo, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto, é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico. A hipótese mais simples e mais indicada sobre a natureza da pulsão seria que, em si mesma, ela não possui qualidade alguma, devendo apenas ser considerada como uma medida da exigência de trabalho feita à vida anímica. O que distingue as pulsões entre si e as dota de propriedades específicas é sua relação com suas fontes endossomáticas e seus alvos. A

fonte da pulsão é um processo excitatório num órgão e seu alvo imediato consiste na supressão desse estímulo orgânico (Freud, 1905/1986, p. 171. Tradução nossa).

É no texto *Pulsões e seus destinos* (1915/1986) que o autor faz um de seus mais importantes desenvolvimentos sobre esse conceito, entendendo a pulsão como um estímulo psíquico que surge no interior do organismo e que é descarregado para fora através de uma ação motora. Para diferenciar os dois tipos de estímulos psíquicos e fisiológico, Freud (1915/1986) explica que o estímulo fisiológico tem sua fonte no exterior e o psíquico, no interior do organismo. Assim sendo, tendo um estímulo-origem fora do organismo, sua fuga pode se dar por meio da ação motora, mas, se a fonte do estímulo se encontra dentro do próprio organismo, não há ação possível que faça cessar a estimulação. Dessa forma, outra diferença está na continuidade do estímulo. Um estímulo fisiológico se caracteriza por ser de impacto único; ainda que esse impacto se repita ou que seja incrementado, ele se inicia e termina. Por outro lado, uma pulsão não se apresenta como uma força de impacto momentâneo, mas de impacto constante. A partir dessa definição, Freud introduz novos conceitos em relação à pulsão; segundo ele, a mesma possui: pressão – fator motor, quantidade de força ou medida de exigência que ela representa –, finalidade – satisfação, que só pode ser obtida eliminando o estado de estimulação da fonte de estímulo –, fonte – processo somático que ocorre num órgão ou parte do corpo, cujo estímulo é representado na vida mental por um instinto – e objeto – coisa através da qual ou em relação à qual o instinto é capaz de atingir a sua finalidade.

Ainda no texto *O Inconsciente* (1915/1986), Freud nos esclarece que a pulsão é formada por afeto e representação, de tal modo que afirma que a força pulsional se expressa pelo afeto e pela representação. A pulsão é representada por meio de representações internas que são imagens guardadas na memória e que reproduzem objetos ou ações, as quais, o afeto se liga. Como afirma Freud (1915/1986, p. 91-92), “o *quantum* de afeto corresponde a pulsão, na medida em que esta se desligou da representação e encontra expressão, proporcional à sua quantidade, nos processos que são percebidos como afetos”. Quanto à representação, refere-se à representações de coisa que são inconscientes, de domínio apenas visual e representações de palavra, que são conscientes, de domínio acústico, e sua ligação tornar-se-ia possível pelo afeto. Assim, a passagem do material inconsciente para o consciente implica que a representação-palavra seja acrescida à representação-coisa que então passa a corresponder a um objeto para a consciência.

Uma pulsão não pode jamais se tornar objeto da consciência, apenas a idéia que a representa. Mas também no inconsciente ela não pode ser representada senão pela idéia. Se a pulsão não se prendesse a uma idéia ou não aparecesse como um estado afetivo, nada poderíamos saber sobre elas (Freud, 1915, p. 114-115).

Segundo Honda (2011), o conceito de pulsão (*Trieb*) coloca-se como polissêmico, transitivo e dinâmico, pode aproximar-se com o de instinto, no sentido de impetuosidade na ação, necessidade que leva o indivíduo à uma ação. Alguns autores parecem empregar indistintamente os termos *Instikt e Trieb*, como o caso de Paulo César Souza (2010), que privilegia a rede semântica da palavra Instinto ligada aos campos léxicos de 'impulso', 'sexo', 'ímpeto'. Outros fazem uma distinção entre ambos, e adotam o termo pulsão para designar *Trieb*.

Segundo Laplanche e Pontallis (2001), o termo *Trieb* em alemão conserva a noção de impulsão. Para esses autores, os termos pulsão e instinto são usados de formas diferentes por Freud, de tal maneira que não se equivalem. Instinto se relaciona com um comportamento animal, fixado pela hereditariedade, característico da espécie. Já por pulsão se entende uma noção energética, que toma o sentido de impulsão. Sob esse olhar desenvolvemos nosso trabalho.

Freud nos conta que a pulsão além de ser um conceito limite entre o somático e o psíquico, demarcando e dando a qualidade de pulsional ao psíquico também se coloca como: representante psíquico dos estímulos nascidos no interior do corpo, presentificando o corpóreo no psiquismo e, apresenta-se como medida de trabalho imposta ao psíquico na sua relação com o corpo, denotando intensidade e coação.

Em se tratando das pulsões sexuais, podemos considerar que elas se originam das excitações corporais, já que primeiramente se servem das funções de autopreservação como alimentação e, só posteriormente, tornam-se independentes. Freud (1915/1986) nos afirma que a sexualidade passa por um percurso de desenvolvimento, que incluem fixações e que permeiam zonas erógenas do corpo infantil. As pulsões de início são parciais, buscam satisfações independentes, tornando-se, ao longo do desenvolvimento, conjugadas. Desse modo, a pulsão sexual perpassa pelo corpo da criança desde o nascimento, não tendo alvo fixo, e sendo os pais (cuidadores) a maior fonte de estimulação. Freud (1905/1996, p. 119), afirma que “na infância, portanto, a pulsão sexual não está centrada e é, a princípio, desprovida de objeto, ou seja, autoerótica”.

Sendo seu alvo primeiramente pré-genital, as zonas genitais ainda não assumiram papel preponderante. Segundo o autor, a sexualidade perpassa fases de desenvolvimento e, nessas fases não há, nas crianças, vergonha ou asco e a sexualidade é perversa polimorfa. Assim, a fonte sexual passa pela mucosa bucal, na Fase Oral ou Canibalesca em que o alvo sexual consiste na incorporação do objeto devido à estimulação da amamentação ou da chupeta, denotando a capacidade de incorporar objetos. Posteriormente, se dá a Fase Sádico-anal, em que o alvo sexual é o ânus, momento em que a criança começa a desenvolver o controle dos esfíncteres e deleita-se na relação de poder fazer algo sozinho; segue-se a fase Fálica ou Organização Genital Infantil, como Freud referencia em 1923, a atenção volta-se para os órgãos genitais e as diferenças anatômicas entre meninos e meninas, as teorias relativas à sexualidade, o Complexo de Édipo e a castração, o que veremos adiante; Segundo Freud (1923/1986) nesse momento, o interesse nos genitais e em sua atividade adquire já uma significação.

A partir daí ocorre a fase de latência em que esses impulsos são delegados para segundo plano, devido à um interesse e desenvolvimento social/intelectual. E então, a Fase Genital adulta momento em que há a constatação da existência do falo, surgem questões relativas a origem dos bebês e a sexualidade adulta. Segundo Freud (1923/1986), esse movimento é percorrido sem fazer muitos alardes, mas existem, como dito, em alguns períodos, fixações prévias da libido, que podem ter relação com futuras predisposições perversas ou neuróticas.

Na fase fálica, como dissemos, Freud (1900/1986) inscreve o mito de Édipo Rei, de Sófocles. Segundo o autor, assim como nessa obra: “Apaixonar-se por um dos pais e odiar o outro figuram entre os componentes essenciais do acervo de impulsos psíquicos que se formam nessa época e que é tão importante na determinação dos sintomas da neurose posterior” (Freud, 1900/1986, p.177). Nesse sentido, o autor universaliza o conflito do mito para a natureza humana e denota a repetição de um destino implacável: apaixonar-se por um dos pais e odiar ao outro, assim como Édipo no mito, que mata seu pai e casa-se com sua mãe. O conflito humano parece menos simples, há ambivalência de sentimentos para com os pais, assim como pode ocorrer de modo composto, ama-se e odeia-se ambos, temendo as retaliações de sentimentos moralmente proibidos. No entanto, tomando o mito como realidade interna, o que se passa não é a morte física dos pais, ou a realização sexual real, mas sim a vivência da fantasia e ao mesmo tempo, a repressão dos desejos edípicos sexuais cujo conflito é a raiz das neuroses.

Uma das grandes preocupações de Freud nesse momento, é entender o que se oporia a pulsão sexual, levando em conta que essa pulsão é reprimida e afastada do Eu, Freud chega ao conflito entre a sexualidade e o Eu, ou seja, a oposição entre pulsão sexual e pulsão de autoconservação. Assim, a sexualidade, entendida como impetuosa e disruptiva, ameaçaria a estabilidade do Eu, entendido como instância dessexualizada que se defende por meio da repressão.

No entanto, com o desenvolvimento da teoria do Narcisismo, essa diferenciação não é mais suficiente. É a partir da teoria do narcisismo que o autor conclui que no Eu também atuam as pulsões sexuais. O próprio Eu passa a ser considerado reservatório secundário da libido, dos quais fluem os investimentos libidinais, e ela se torna matéria prima para sua constituição. O Eu, de desilibidinizado, passa para reservatório de libido, o que faz do primeiro dualismo pulsional insustentável. Disso, Freud afirma que as únicas pulsões visíveis, até então, são as sexuais, que aparecem entrelaçadas com outras pulsões das quais, nesse momento, não se tem conhecimento (Freud, 1914/1986).

1.2.3 Repetição sob o domínio de alguns Princípios de Funcionamento mental: Tendência Constância e o Princípio do Prazer

Importante salientar que o aparelho psíquico, durante toda a primeira tópica, aparece obedecendo ao Princípio do Prazer no sentido de repetir experiências prazerosas; prazer este entendido como decréscimo de excitação, satisfação pulsional. Assim, constatando que Freud ao longo de suas obras desenvolve sua concepção do aparelho psíquico regulado por princípios, faz-se necessário discutir tal Princípio, já que ele é um dos pilares do pensamento freudiano e, sem o qual, não podemos avançar no estudo da repetição. Para entendermos sua construção, precisamos estar em mente a tríade dos fatores tópico, econômico e dinâmico que formam os pilares da metapsicologia freudiana a fim de relaciona-lo com as tópicas, as pulsões e o processo de ligação, mais a diante.

O Princípio do prazer já está presente como prenúncio desde os textos pré-psicanalíticos, como o *Projeto para uma Psicologia* (1895/1986), e refere-se à ideia de que há, no psiquismo, a tendência de manter constante a excitação e encontrar satisfação ao diminuir a quantidade de excitação aumentada no organismo. Destarte, o objetivo máximo para o qual o psiquismo se esforçaria seria o de fugir do desprazer, entendido como aumento

de excitação, já que o prazer relaciona-se com o rebaixamento da quantidade de excitação. Aqui retomamos o exposto sobre os sintomas e os sonhos, que surgem, segundo o autor, como resultado de um excesso, excesso que gera desprazer.

Em *O Projeto de uma Psicologia*, Freud (1895/2003) descreve uma Psicologia a qual deriva de duas ideias principais: a ideia de Q é aquilo cuja ação leva a diferença entre atividade e repouso, e a ideia de que os neurônios correspondem a partículas materiais. No esforço de estabelecer um lugar para o psiquismo na anatomia cerebral, Freud, segundo Land (1993), consegue visualizar o psíquico como uma materialidade outorgando-lhe a importância que possuía, na época, à dimensão orgânica e, nesse momento, lança os germes de muitas ideias que serão posteriormente desenvolvidas dentro da Psicanálise.

O autor, no *Projeto*, já observa que em casos de histeria e de compulsão, o fator quantitativo se sobressai, ou seja, trata-se de um excesso, excesso referente à Q. Seguindo essa linha de raciocínio, estabelece um princípio fundamental do aparelho psíquico, o Princípio da Inércia, segundo o qual, os neurônios condutores de Q, buscam libertar-se das Q, a fim de manter o aparelho psíquico livre das excitações sentidas como excesso. Dessa forma, pontua que “Um sistema nervoso primário se vale dessa quantidade adquirida, para descarregá-la nos mecanismos musculares (...)” (Freud, 1895/12003 p.179) e, desse modo, fica livre de estímulos. Nesse momento, vislumbramos uma tendência dos neurônios em se manterem livres das excitações, a qual o autor denomina de Princípio da Inércia. Segundo tal princípio, que regularia o funcionamento de organismos simples, toda Q é eliminada por uma ação motora, e os neurônios tendem a livrar-se das excitações.

No entanto, o autor percebe que nem toda excitação pode ser, assim, descarregada e que o princípio da inércia é violado desde o início, já que existe, no psiquismo, considerando organismos complexos, também, uma excitação endógena, que provém do interior do organismo, à que como vimos anteriormente, Freud irá chamar de pulsão. Estas que se origina em células corporais e resulta em grandes necessidades, tais como a fome, a respiração e a sexualidade. Esta excitação deve ser igualmente eliminada, mas sua eliminação depende de uma ação realizada exteriormente, como por exemplo a busca por alimento, no caso do carecimento devido a fome. Assim, para executar ações específicas, é necessário que o psiquismo se valha de uma Q endógena armazenada, logo, é preciso que a Q seja suportada por um determinado tempo, já que a ação exterior nem sempre é imediata e depende de que a Q atinja certo nível. Desse modo, entende-se que é necessário manter certa quantidade de excitação para que o aparelho funcione, e que o organismo abandone a tendência à inércia

assumindo a tendência à constância. Assim, o Princípio da Inércia não é totalmente descartado pois ele ainda atua como pano de fundo para pensarmos o Princípio da Constância, que pressupõe essa necessidade de manter a excitação o menor possível.

Por meio da ligação com os mecanismos musculares, o sistema nervoso se vê livre dos estímulos, livrando-se das Q. No entanto, partindo da ideia da circulação de Q pelos neurônios, a ideia de acumulação, como dito acima, torna-se possível pois existem resistências nos neurônios que são opostas a eliminação; estas constituem as barreiras de contato, que, por sua vez, dificultam à passagem de Q pelos neurônios.

Ainda no texto do *Projeto*, ao descrever o aparelho neuropsíquico, Freud discorre sobre a divisão dos sistemas de neurônios entre aqueles impermeáveis, cujas barreiras de contato existente entre os elementos neuronais impõem resistência à passagem de excitação (designada pela letra Q, de quantidade), e os que são permeáveis, assim utiliza-se de Ψ (ψ) e Φ (ϕ) para nomeá-los, respectivamente. Assim, os primeiros têm suas barreiras de contato modificadas pela passagem de Q e tornam-se mais permeáveis e mais parecidos como os últimos. Esse estado de barreira de contato modificado pelo afluxo de Q é descrito como grau de facilitação. O grau de facilitação denota a capacidade de as Qs atravessarem as barreiras de contato, e chegarem à outros neurônios, pois estas, ao passarem pelos neurônios, ampliam a permeabilidade dos mesmos.

A capacidade de retenção das Qs, derivada da tendência à constância, dota o psíquico da função de memória de tal modo que ela é representada pelas diferenças nas facilitações entre os neurônios e servirá de bússola quanto aos caminhos que devam ser repetidos. Logo, repetem-se os caminhos mais facilitados, por apresentarem menor resistência, isto é, menor gasto de energia. Assim, a repetição dos caminhos se dá de acordo com a maior facilitação, ou seja, maior facilidade no caminho percorrido, menor ação das barreiras de contato enquanto impeditivas. A repetição aqui tem papel fundamental no sentido de manter o equilíbrio das Q's no aparato psíquico.

Outra derivação da hipótese da retenção de Q em obediência a tendência à constância diz respeito ao Eu. Freud considera que as excitações constantemente originadas a partir do interior do corpo, excitações que são retiradas e mantidas em nível constante nos neurônios nucleares do sistema ψ , obrigam-nos a conceber uma massa de neurônios catexizados que seria o fundamento da ideia do que conhecemos em Psicanálise como o Eu. Organização que seria responsável pelo advento de um novo regime de funcionamento psíquico.

Levando em consideração, as descobertas anteriores, em 1911, no texto *Formulações sobre os dois princípios de funcionamento mental*, Freud nos apresenta, o Princípio do Prazer, derivado dos princípios anteriores. Ele teria, como objetivo, a fuga do desprazer que passa a ser entendido como um aumento da excitação. Há que se pensar em retorno à constância; no entanto, ele também guarda grande aproximação ao retorno à inercia, mantendo relação com ambos. O Princípio do Prazer é que regula o funcionamento psíquico caracterizado por processos primários, processos psíquicos em geral inconscientes que visam a obtenção de prazer, ou seja, a descarga imediata, e que se oporiam ao processo secundário, processos que visam o adiamento da satisfação, ou seja, a descarga de forma controlada pelo Eu, que trabalharia regulado de acordo com critérios impostos pela realidade. Daí o outro princípio introduzido por Freud, o da Realidade.

O Princípio da Realidade se coloca como um funcionamento melhor adaptado às exigências da vida. Notamos que, por meio dele, a eliminação da excitação não se pauta somente nas sensações de prazer e desprazer, mas também e principalmente na percepção da realidade externa. Sob funcionamento secundário, com auxílio do Eu ao qual o adiamento do prazer se dá em consonância com as disponibilidades do mundo externo, favorecendo o processo de ligação. O Eu se vale desse princípio com vistas a autoconservação do organismo, e tenta buscar conciliar mundo interno e mundo externo.

Retomando o Princípio do prazer, pode-se notar uma ambiguidade que nos acompanhará pelos próximos capítulos de nosso trabalho, pois considerando-o como tendência que opera a serviço de uma função cuja missão é libertar inteiramente o aparelho mental de excitações, este corresponderia à constância à medida que buscaria manter as excitações do organismo constantes para suprir as exigências da vida, e também alavancá-las, mas ao mesmo tempo, mantendo relação com à inercia, esta que tende, como vimos no *Projeto* a não se pendurar em organismo complexos, restando-lhes a morte, a ausência de excitação.

Nessa trilha em relação a repetição, podemos compreendê-la, tendo em vista a busca pelo retorno, descarga de excitações realizadas de forma primária e imediata, sem consideração pela realidade, por isso entendida nesse momento, regulada ou pelo princípio do prazer. Mas ao passo que esse Princípio guarda íntima relação com a inércia, notamos que a repetição escapa ao domínio do eu que regula a ocorrência da eliminação automática pelo princípio da realidade, buscando seguir as trilhas melhores facilitadas. Nesse momento, podemos entender a repetição relacionando-se com o reprimido e seu caráter disruptivo.

1.3 Da repetição à compulsão à repetição na transferência

Tratando-se da técnica, observamos que, tanto no tratamento da histeria, quanto na interpretação dos sonhos feita na análise, o objetivo a que Freud se propõe é o de buscar aquilo que é inconsciente, ausente das associações conscientes, e, para isso, enfrentar as resistências.

Tendo adentrado um pouco no método da Associação Livre no objetivo de estabelecer conexões com o sexual reprimido, deteremo-nos, agora, à transferência. Freud se refere, em 1910, a transferências (no plural), que ocorrem em relação ao desejo inconsciente, antes de se referir à técnica. Nesse sentido, Freud (1910/1986) observa que, na formação dos sonhos, o conteúdo latente sofre transformações e se desloca de uma representação a outra por meio de associações. Isso acontece na base da troca, substituição, reedição. Assim, o desejo é reexperimentado, revivido como fenômeno atual, o que leva o autor a entendê-lo como indestrutível.

Com o passar do tempo e o avanço de seus estudos, Freud (1912/1986) começa a referir-se a transferência enquanto fenômeno relacionado à prática clínica, referindo-se à relação. Tal fenômeno é observado desde os primeiros estudos com a hipnose, em que o autor revela, como já expusemos acima, que a eficácia do tratamento muito depende da relação que se estabelece entre paciente e médico. Em 1895, a ênfase recai sobre essa relação, e prioriza-se o interesse pessoal do médico pelos pacientes, a confiança entre ambos. Assim, posteriormente, em 1912, é entendido que cada indivíduo possui um modo de se vincular decorrente de sua disposição inata e influências sofridas nos primeiros anos, de modo que essa disposição é transferida, também, para a figura do analista. O paciente transfere ao terapeuta sentimentos afetuosos e coloca-o, inconscientemente, em lugares antes ocupados por outras pessoas, repetindo, assim, lembranças esquecidas e desejos inconscientes. Destarte, a transferência coloca-se, como os sonhos e os sintomas, como uma forma de trazer à tona instintos reprimidos, isso é, como uma forma de repetição.

Segundo o autor, estabelece-se uma transferência positiva e/ou negativa; a primeira relativa a sentimentos afetuosos e sexuais, a segunda relativa a sentimentos hostis. A transferência positiva, referente a sentimentos conscientes ou possuindo ramificações no Inconsciente, permite o andamento da análise sem maiores problemas. Já a transferência negativa,

relacionada a sentimentos provindos de fontes eróticas reprimidas, apareceram no andamento da análise como um obstáculo, uma resistência. (Freud, 1912/1986).

Freud (1914/1986) afirma que, em situação de análise, muitas vezes, ao invés de recordar os acontecimentos do passado e comunicá-los verbalmente ao analista pela associação livre, o paciente o reproduz, não como lembrança, mas como ato, assim ele o repete em forma de atuação, “*acts it out*”. Freud (1914/1986) nos comunica que o esquecimento pode se dar em relação a eventos relativos à infância ou pode se dar em relação aos vínculos entre as ideias, que as tornam, assim, independentes entre si. Logo, estabelece-se uma nova forma de recordar: o repetir.

É nesse momento que o autor fala, pela primeira vez, sobre uma compulsão à repetição no sentido clínico. Um exemplo disso é o fato de o indivíduo não se recordar de ter sido rebelde na relação com seus pais e repetir essa forma de relação com o analista. A relação entre a repetição e a transferência, segundo o autor, dá-se pelo fato de que, na repetição, é transferido, para o presente, o passado esquecido, agora por meio de atos.

Anteriormente, tentava-se preencher lacunas da memória ao superar as resistências decorrentes da repressão. O esquecimento era, assim, entendido como dissoluções das vinculações de pensamento com os fatos que ocorreram na infância e não eram compreendidos na ocasião, só posteriormente. Com a mudança da técnica, Freud salienta que há casos em que o paciente não recorda, mas repete sem saber o porquê. Nesse sentido, no tratamento, não se pode fugir de uma compulsão à repetição à medida em que o recordar abre espaço para o atuar. Assim, o paciente que repete sob condições de resistências também se defende do progresso do tratamento utilizando-se de armas que utilizara no passado e, segundo Freud (1914/1986), faz-se necessário retirá-las uma por uma.

Dessa forma, entende-se que quanto maior a resistência, mais a atuação substituirá o recordar. E as resistências irão determinar a sequência de material que será repetido. Repetem-se inibições, traços de caráter, fontes do reprimido. Pode-se notar que uma parte consideravelmente importante é esquecida e se manifesta não mais pela palavra, mas sim pela atuação na relação com o analista, conforme o autor:

O paciente comporta-se sempre calmamente, concentrando-se em recordar o material recalçado, [...] mas expressa-se pela atuação ou atua-o (*acts in out*). Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação, repete-o, sem, naturalmente, saber o que está repetindo. (Freud, 1914/1986, p. 196).

Nesse sentido, repetir evoca um fragmento da vida real, e o manejo da transferência visa reprimir a compulsão à repetição e transformá-la em recordação. No entanto, é só com a resistência no seu auge que pode o analista, junto ao paciente, descobrir os impulsos instintuais reprimidos que a alimentam e, assim, travar com eles uma batalha com vistas à elaboração². É certo que não basta apenas revivê-las, mas sim esperar o tempo adequado para, após a revelação, o paciente lidar e se familiarizar com ela. (Freud, 1914/1986).

Aprendemos que o paciente repete ao invés de recordar e repete sob as condições de resistência. Podemos agora perguntar o que é que ele de fato repete ou atua (*acts out*). A resposta é que repete tudo o que já avançou a partir das fontes do recalado para sua personalidade manifesta — suas inibições, suas atitudes inúteis e seus traços patológicos de caráter. (Freud, 1914/1986, p. 167. Tradução nossa).

Portanto, o conceito de compulsão à repetição é apresentado no texto *Recordar, Repetir e Elaborar*, em 1914, referindo-se à repetição em ato no lugar de uma representação que sofreu a ação do recalque. Aqui, há a postulação de que o que não se pode recordar coloca-se em ato, cujo objetivo é o de afastar o material da consciência (Freud, 1914/1986).

Segundo nossos estudos e o exposto acima, pudemos perceber que no período Psicanalítico de 1900 e na vigência da primeira tópica, Freud (1900/1986) envereda-se a pensar sobre os sonhos e a repetição de conteúdos latentes, que parecem trazer à tona, proeminentemente, aspectos relativos à sexualidade e à infância, de tal forma que encontramos similaridade com os sintomas histéricos.

Freud (1888/2011) refere-se à repetição também quando discute a problemática da cura no tratamento com a hipnose, de tal forma que, para fazer cessar os ataques histéricos, faz-se necessário reviver as experiências, ou seja, repeti-las em estado de hipnose. O tratamento, como vimos, consiste, aqui, em trazer à memória consciente o conteúdo traumático, ou seja, repetir a experiência, levá-la a seu *status nascendi*, transformá-la em expressão verbal e, assim, livrar-se do excesso de excitação que carrega o sintoma (Freud, 1888/2011). Já a partir de 1900, a repetição aparece atrelada a uma compulsão na transferência, na qual evoca-se, por meio de atos, o que é impossível acessar por meio de palavras, de tal forma que possibilita o acesso ao reprimido e o manejar dele no processo terapêutico. A repetição aparece aliando-se ao tratamento psicanalítico.

² Elaboração: processo em que há a integração das excitações no psiquismo e a libertação dos mecanismos repetitivos (Laplanche e Pontalis, 1982/2001).

De modo geral, observamos, até aqui, a construção de conceitos fundamentais para a Psicanálise e, assim, notamos que a repetição, já nesse momento, apresenta um caráter duplo, relaciona-se com o excesso no sintoma que traz à tona o desejo de reviver um prazer já experimentado e não aceito moralmente, por hora, recalcado, trazendo sofrimento e apresenta-se com a finalidade de ligação no processo de cura. A repetição é repetição de um desejo, desejo de reviver, trazer à tona novamente. Ela se coloca em razão da resistência, em oposição à rememoração, mas em favor da atuação. O que posteriormente, Freud (1920/1986) chamaria de prazer para uma instância inconsciente, em livrar-se das excitações e desprazer para outra instância, consciente, que a expulsou.

CAPÍTULO II

A INTRODUÇÃO DA PULSÃO DE MORTE E O ESTATUTO DA COMPULSÃO À REPETIÇÃO APÓS 1920

Se, ao longo da vigência do primeiro dualismo pulsional, a repetição podia ser vista como predominantemente a serviço do Princípio do Prazer, como na transferência, é, a partir de 1920, que Freud se depara com repetições que parecem não obedecer a esse princípio, já que não trazem à tona nada de prazeroso, pelo contrário, inscrevem-se como um destino demoníaco que arrasta o sujeito. Dessa forma, o autor inquieta-se no sentido de buscar respostas e conjecturas sobre o que move o psiquismo nesses casos colocando a prova até mesmo sua tópica e concepção pulsional.

Através do estudo sobre a compulsão à repetição, chega-se ao conceito de pulsão de morte, um novo dualismo pulsional e a criação de uma nova tópica, o que culmina em grandes transformações na teoria e no alcance da prática.

2.1 A introdução da pulsão de morte e a constituição da segunda tópica

No período de surgimento da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), Freud, que já encontrava alguns empasses em relação à teoria, encontrou-se também rodeado, na sua prática clínica, de muitos casos de neurose traumática acometendo os sobreviventes dos conflitos, casos que pareciam subverter o Princípio do prazer. Acontecimentos esses que levaram Freud a rever a primeira tópica. Nesse contexto, Freud elaborou, a partir de 1920, sua segunda tópica mobilizado, cada vez mais, pela ideia de que somos habitados por forças desconhecidas para além da sexualidade e do reprimido que levam a repetições traumáticas, assim como pela ideia de que existem defesas inconscientes, que, segundo ele, colocam os obstáculos mais poderosos no caminho da análise (Antonello, 2011).

As repetições traumáticas levaram Freud ao encontro de um processo compulsivo para além do retorno do recalcado. Estes pareciam colocar um limite teórico-clínico à sua construção. Assim, a partir de 1920 que Freud começa a pensar na destrutividade como disposição pulsional independente e inerente ao sujeito, essa que, até então, era pensada atrelada a uma disposição erótica na pulsão sexual.

Assim, tendo suspenso seu primeiro dualismo, passa a considerar a existência de um funcionamento demoníaco, inerente ao sujeito, que atua silenciosamente com vistas à destruição, para além do Princípio do Prazer. Esses processos que se manifestam, por exemplo, nos sintomas dos neuróticos traumatizados de guerra, fazem com que Freud chegue à descoberta das Pulsões de morte, que agora, responde ao seu dualismo pulsional suspenso até então. Nesse momento, as pulsões de morte passam a opor-se às pulsões de vida, pulsões libidinais que abarcam a pulsão sexual e pulsão do Eu.

Em 1920, o autor vai pensar sobre o componente destrutivo, separado da pulsão sexual. As primeiras definições dessa pulsão em Freud encontram-se mais no plano biológico do que no psicológico, tanto que, em *Além do Princípio do Prazer*, Freud (1920/1986) começa a tratar desse tema, utilizando de teorias biológicas que justificam uma tendência à morte física e ao encontro com esse estado anterior à vida. Importante salientar que o autor apresenta tal ideia afirmando-a como pura especulação, e adverte o leitor de que ele pode concordar ou não. Anteriormente, o autor reconhecia, somente na pulsão, um caráter progressivo, que impelia à mudança; agora, reconhece uma força conservadora que busca trazer de volta estados arcaicos da substância viva. Assim, entendemos que Freud chega à hipótese da pulsão de morte atrelada à compulsão à repetição, que, segundo ele, manifestaria um caráter totalmente pulsional opondo-se ao Princípio do Prazer à medida que resgata situações desprazerosas. Dito isso, iremos aprofundarmo-nos nessas questões referentes à pulsão de morte ao longo dos nossos estudos sobre a repetição.

Encontramos, no texto *O Ego e o Id*, de 1923, que, em concomitância com a experiência clínica, o autor percebe que as divisões psíquicas que havia proposto não abarcavam toda complexidade dos conflitos psíquicos. Ele entende que, no processo de análise, surge, no paciente, uma resistência intensa e inconsciente, de modo que torna inequívoco a falta de sentido em situar o conflito entre o Consciente, que quer a cura, e o Inconsciente, que insiste em fazer oposição. Dessa forma, Freud (1923/1986) postula que o Inconsciente não se resume ao reprimido, que constitui apenas uma parte dele.

Assim, na segunda tópica, considerando o novo dualismo pulsional, o Id torna-se uma ampliação do que se denominara inconsciente, reservatório inicial da energia psíquica, agora, além de conter os desejos e impulsos de origem genética e também o reprimido, torna-se sede das pulsões de vida e de morte (Freud, 1923/1986).

Para Freud, o material inconsciente agora se constitui por três classes: representações pré-conscientes, reprimidas e elementos inconscientes não reprimidos; as pulsões. Dessa

forma, sensações e sentimentos tornam-se conscientes à medida que avançam ao sistema de percepção consciente, de tal modo que, estando inconscientes, são exatamente iguais. O processo de pensamento não obedece a uma caminhada em relação à consciência. O material pré consciente está conectado à “representação-palavra”, que se constituem como restos de percepções, principalmente acústicas, visuais, ou motores, já o material inconsciente está conectado à “representação- coisa”, tomando a última como algo desconhecido e, dessa forma, a relação com tais matérias específicas determinam se um pensamento é passível ou não de se tornar consciente. Torna-se consciente ao aliar-se à algo que já foi consciente, como traços de memória de percepções, segundo Freud, “... somente o que desde dentro quer se tornar consciente tem que tentar transpor-se em pequenas percepções exteriores. Isso se torna possível por meio da marcas mnêmicas.” (Freud, 1923/1986 p. 22).

Ainda sobre os sistemas psíquicos, Freud (1923/1986) pontua a existência de Eu e um Supereu. O “eu” passa por uma reformulação sendo então admitido como uma instância psíquica que surge a partir do Id, já que, no início da vida, tudo é Id, funcionamento primário, e, só posteriormente, forma-se o Eu, com funcionamento secundário que segue tentando mediar as tendências do mundo externo e as exigências do Id, assim como se esforça para substituir o Princípio do Prazer pelo Princípio da Realidade. Dessa forma, o eu possui uma parte consciente, uma parte pré-consciente e uma parte inconsciente (Freud, 1923/1986).

Como dito, toda libido é acumulada anteriormente no Id, de tal maneira que todo investimento libidinal inicial nos objetos procedem dele. Assim, as primeiras relações objetais, que normalmente se estabelecem com os pais (cuidadores), são investimentos do Id, ou seja, das moções pulsionais que ocorrem de forma direta e imediata. Quando há renúncia do objeto, segue-se o processo de introjeção no ego e, desta forma, o objeto que fora abandonado passa a ser introjetado no Ego, e este é modificado. Freud (1923/1986) pontua que o caráter do Ego se forma por catexias objetais abandonadas pelo Id. O Ego engloba o objeto em si, o que permite que este seja abandonado no mundo real, mantendo íntima relação com os objetos externos, e dependendo deles para sua constituição e fortalecimento.

Assim a libido, que fora investida nos objetos, volta-se para o Eu, ou seja, posteriormente, ao abandono do objeto – ou, em alguns casos, em simultaneidade com o investimento nos objetos –, pelo processo de identificação do Eu com o objeto, o primeiro apodera-se dessa libido e passa a se oferecer como objeto de amor ao Id, às custas de suas reivindicações e na tentativa de dominá-lo. Na identificação, ocorre a transformação de libido objetual em libido narcísica, pela passagem do investimento do objeto para o eu, o que culmina

em dessexualização. Sobre essa discussão, Freud (1923/1986) nos adverte que o Eu pode abrir caminho para o livre atuar das pulsões de morte, o que será melhor delineados nos capítulos seguintes.

Em verdade, surge a questão, que merece consideração cuidadosa, de saber se este não será o caminho universal à sublimação, se toda sublimação não se efetua através da mediação do eu, que começa por transformar a libido objetual sexual em narcísica e, depois, talvez, passa a fornecer-lhe outro objetivo. Posteriormente teremos de considerar se outras vicissitudes instintuais não podem resultar também dessa transformação; se, por exemplo, ela não pode ocasionar uma desfusão dos diversos instintos que se acham fundidos. (Freud, 1923/1986, p. 32 . Tradução nossa).

Entendendo o Supereu como uma gradação do Eu, Freud pontua que este se forma a partir da resolução do conflito Edípico. Há que se pensar que, no Complexo de Édipo, como exposto no primeiro capítulo, há investimento direto do Id nos objetos primeiros, ou seja, nos pais. E, durante sua dissolução, quando o objeto é abandonado e introjetado no Eu, essa introjeção carrega os investimentos que se estabeleceu em relação à esses objetos e também uma reação contra eles. Há a introjeção do objeto de amor, assim como há também a internalização da lei paterna.

O superego, contudo, não é simplesmente um resíduo das primitivas escolhas objetais do id; ele também representa uma formação reativa enérgica contra essas escolhas. A sua relação com o ego não se exaure com o preceito: “Você *deveria ser* assim (como o seu pai)”. Ela também compreende a proibição: “Você *não pode ser* assim (como o seu pai), isto é, você não pode fazer tudo o que ele faz; certas coisas são prerrogativas dele.” Esse aspecto duplo do ideal do ego deriva do fato de que o ideal do ego tem a missão de reprimir o complexo de Édipo; em verdade, é a esse evento revolucionário que ele deve a sua existência. (Freud, 1923/1986, p. 49. Tradução nossa).

Desse modo, entende-se que o Supereu surge como herdeiro do Complexo de Édipo; e, quanto mais intenso este se der e, ao mesmo tempo, quanto mais rápido ele se dissolver, maior será a consciência moral que ele originará. Configurando-se como o resultado dos precipitados das primeiras relações estabelecidas e abandonadas com os pais, primeiros objetos de amor e medo, o Supereu mantém íntima relação com o Id e, assim, com as pulsões de vida e de morte. Entende-se que este se exterioriza pela consciência moral e pelo sentimento de culpa. A moralidade exercida por essa instância em relação ao Eu não corresponde ao sentido de adaptação ao mundo externo ou ao bom senso, mas a uma censura cruel, advinda das pulsões de morte contra o Eu.

Além de impor como o sujeito deve ser, a instância moral também proíbe, e o faz de forma intransigente, até cruel, porque, ao levar em conta a pulsão de morte, Freud percebe que o superego é um dos destinos da agressividade que deriva dessa pulsão, ou seja, quando a agressividade não encontra expressão em relação ao exterior, é absorvida pelo superego, que exerce sua crítica contra o ego de forma hostil. “Permanece, contudo, o fato de que, como afirmamos, quanto mais um homem controla a sua agressividade, mais intensa se torna a inclinação de seu ideal à agressividade contra seu ego”. (Freud, 1923/1976f, p. 71. Tradução nossa).

A dissolução do Complexo de Édipo pode culminar em um caráter severo e punitivo para com o Eu e, assim, um exacerbado senso de culpa, tomando-o como expressão pura da pulsão de morte. Dessa forma, o autor nos adverte sobre o sentimento de culpa inconsciente comunicando-nos o funcionamento das instâncias psíquicas atrelado às pulsões.

O Superego, apossando-se do sadismo, dirige sua ira contra o Eu, o que ocorre devido ao entrincheiramento naquele da pulsão de morte. Assim, a cultura pura da pulsão de morte, presente no Id, agora, expressa-se por meio do Superego, pelo sentimento de culpa, o qual pode levar o Eu ao sofrimento compulsivo e ao apego ao sintoma como forma compulsiva de punição. Nesse sentido, entendendo que o Eu é essencialmente o representante do mundo externo, o Superego coloca-se, em contraste com ele, como representante do mundo interno, do Id, o que o levará a pontuar que: “Conflitos entre Eu e o Superego refletirão em última instância a oposição entre real e psíquico, mundo exterior e mundo interior” (Freud, 1923/1986, p. 33).

Tem-se, a partir de 1920, ao lado da potência da sexualidade, a operação demoníaca das pulsões de morte. Aqui, há que se pensar em processos repetitivos, tais como o sentimento de culpa inconsciente, que imprimem a marca da destrutividade e da autodestrutividade de uma força energética, além do Princípio do Prazer, denotando o conflito para além da repressão.

2.3. Compulsão à repetição para além do Princípio do Prazer

É possível reconhecer, na mente inconsciente, a predominância de uma compulsão à repetição, procedente dos impulsos instintuais e provavelmente inerente a própria natureza dos instintos – uma compulsão poderosa o bastante para prevalecer sobre o princípio de prazer, emprestando a determinados aspectos da mente o seu caráter demoníaco [...]. (Freud, 1920/1986, p. 297. Tradução nossa).

No texto *Além do Princípio do Prazer*, Freud (1920/1986) discorre novamente sobre o Princípio do Prazer que, à primeira vista, regula o curso dos eventos mentais. Tal dominância justifica o esforço do aparelho em manter constante a excitação e evitar, ao máximo, o desprazer entendido como aumento dessa excitação. De tal forma que, como já expusemos acima, relaciona aqui o Princípio do Prazer ao Princípio da Constância.

Freud (1920/1986) relaciona o processo de prazer e desprazer com a quantidade de excitação presente na mente e, de alguma forma, ligada, o que iremos melhor desenvolver nos próximos capítulos. Utilizando-se de achados da Biologia, o autor postula que o movimento psicofísico acima do limiar da consciência, na proporção em que se aproxima da estabilidade completa, é sentido como prazer, mas, quando se afasta da estabilidade de modo a ir além desse limiar, é sentido como desprazer.

Ao analisar as experiências observadas na vida cotidiana e na clínica, Freud (1920/1986) substitui a dominância do Princípio do Prazer por tendência, já que é impossível que o aparelho mental fuja completamente do desprazer. Dessa forma, pontua que seria até perigosa tal dominância e que os instintos de autopreservação substituem o Princípio do Prazer pelo Princípio da Realidade. Este último não abandona a intenção de procurar prazer, mas adia de acordo com as possibilidades e circunstâncias do mundo externo.

Assim, a destituição do Princípio de Prazer, enquanto dominante dos processos psíquicos, ocorre por causa da imposição de condições ao próprio psiquismo. Nesse momento, Freud (1920/1986) explica que não desconsidera o Princípio de Realidade, e que, embora não abandone o objetivo da obtenção do prazer, impõe certos limites e adiamentos à satisfação dos impulsos regidos por tal princípio. Como consequência, a insatisfação traz o desprazer na sombra do atraso da satisfação. Ainda que a inscrição do Princípio de Realidade nos processos psíquicos seja importante para o adiamento do prazer, sua atuação não pode ser considerada responsável por toda quota de desprazer que apresenta o sujeito.

Em relação ao desprazer, Freud (1920/1986) se propõe a pensar sobre os sonhos dos neuróticos de guerra, que parecem trazer repetido um sofrimento do qual não há como supor algum tipo de prazer. Assim, para não abandonar sua tese de que o sonho é um realizador de desejo, propõe entender o sonho preparando o indivíduo para a situação traumática, preparo esse que não ocorreu na situação real e que, por esse motivo, causou enorme desequilíbrio. Freud (1920/1986) discorre sobre o susto como um estado de alguém que entrou em uma situação de perigo sem estar preparada para ela, de tal forma que esta situação se torna traumática. Fala sobre a ansiedade, que, de alguma forma, coloca-se como o último estado de

espera ou de preparo do psiquismo para um evento traumático; e o medo como sendo um ansiedade preparatória contra uma trauma.

O autor segue se debruçando sobre neurose traumática e pontua que ela se assemelha à histeria, devido às suas manifestações em sintomas motores, mas a ultrapassa pelo padecimento subjetivo e pela fragilização e perturbação mais generalizadas das funções psíquicas. Outros pontos de semelhança entre as neuroses traumáticas e a histeria, além dos variados acometimentos físicos, é o fato de que acontece um susto, ocasionado pelo despreparo psíquico diante da vivência, o que significa dizer que, em ambos os casos, o fator principal diz respeito à uma quantidade de excitação aumentada. Essa quantidade é, a princípio, entendida como se fosse introduzida no sistema a partir de fora, mas, posteriormente, também pode ser considerada advinda de uma fonte endógena, o que aumenta, assim, a excitação resultando da vivência traumática.

Dessa maneira, o ponto de fixação do sujeito a esse trauma relaciona-se ao quanto o sujeito estava preparado ou não para receber a quantidade de excitação causada pelo evento. Temos, então, que o elemento fundamental para a neurose traumática seja o susto, ou seja, a inundação que o psiquismo sofre causada pela surpresa que o evento traz e devido a não existência da ansiedade. Notamos, novamente, o excesso configurando um trauma.

É nesse texto que o autor observa a brincadeira das crianças e pontua que existe um motivo econômico para tal, uma liberação de prazer. No entanto, relata a brincadeira autoral de uma criança de um ano e meio que repetidamente atira um carretel com um objeto para longe e o traz de volta, pronunciando um balbucio como “óóó”, a que Freud (1920/1986) presume ser a palavra “*fort*”, em alemão. Freud (1920/1986) entende que o objetivo da brincadeira é fazer com que os objetos sumam e reapareçam, mas, em sua maioria das vezes, ele nota que ela consiste apenas em fazer desaparecer, o que constitui o jogo do *Fort-da*, desaparecimento e retorno, em alemão. Dessa forma, pensa-se sobre o prazer envolvido na brincadeira e, ao mesmo tempo, o sofrimento que ela parece fazer sempre se reatualizar, o que é interpretado como o ato de provocar a ausência da mãe, o fato de deixá-la, sob a renúncia instintual, ir embora, sem protestar. Aparece, aqui, a repetição que traz à tona uma possibilidade de transformar uma situação em que a criança vive passivamente em uma atitude ativa e, então, acredita-se que mesmo com a quota importante de desprazer, também há algo de prazer nessa vivência.

Além das neuroses traumáticas e das brincadeiras das crianças, outro questionamento surge nesse momento: como explicar a repetição de experiências que, em si mesmas, não

trazem possibilidade alguma de prazer e nunca foram experiências de satisfação? O que pode ser visto na vida dos neuróticos que repetem, dentro e fora da análise, experiências que nunca lhes trouxeram qualquer tipo de prazer. Assim, nesses casos, Freud (1920/1986) passa a entender, na contramão do que pensava até então, que o Princípio de Prazer não mantém relação alguma com a Compulsão à Repetição. Isso permite que ele vislumbre uma sombra de compreensão da repetição dos atos desprazerosos e, também, dos sonhos traumáticos.

Com isso, o autor constata que há, no psiquismo, algo mais elementar e primitivo que se relaciona com a Compulsão à Repetição, ultrapassando o próprio Princípio do Prazer e, justamente por ser mais elementar, é ainda mais pulsional. Assim chega à ideia da existência da pulsão de morte.

Mas nós chegamos agora a um novo e notável fato, quer dizer, que a compulsão à repetição também recorda experiências do passado que não incluem possibilidade nenhuma de prazer e que não podem nunca, nem em um passado remoto, ter trazido satisfação. (...) (Freud, 1920/1986, p. 20. Tradução nossa).

Assim sendo, o autor supõe que há outras pulsões, além das pulsões libidinais, e se envereda a pensar sobre oposição entre o amor e o ódio, a fim de encontrar pistas sobre essa pulsão, deparando-se com sadismo. Entendendo que há um componente destrutivo, de ódio, no amor, questiona-se como pode ser esse sadismo derivado das pulsões de vida e pergunta-se se não caberia supor outras pulsões, como as pulsões de morte, surgindo apenas em relação ao objeto. Assim, pontua também a volta do sadismo ao Eu: o masoquismo, e entende que esse retorno da pulsão ao Eu configura uma regressão.

Para corroborar com tais observações, volta a recorrer à Biologia, em que entende que o processo vital do indivíduo conduz ao nivelamento das tensões químicas, ou seja, à morte. Perpassando por outros nomes como Goethe, Woodruff e Hatmann, afirma que nenhum contradiz, em seus ensinamentos, sua descoberta de forças antagônicas atuando no psiquismo e que, sendo assim, pode continuar teorizando.

Com essa constatação, retoma o Princípio da Inércia⁴, exposto anteriormente, agora denominado como Princípio do Nirvana por Barbara Low, do qual entende-se que a tendência dominante da vida psíquica é de abolir a tensão interna dos estímulos, torná-los zero, sobrepujando o Princípio da Constância. Postula que esse Princípio “é um dos nossos mais fortes motivos para crer na existência das pulsões de morte” (Freud, 1920/2010, p. 228). No

⁴ O Princípio da Inércia retratado no texto do Projeto para uma Psicologia Científica é denominado, agora, de Princípio do Nirvana, referenciado segundo uso que se faz por Barbara Low ((Freud 1920/1986).

entanto, notamos que desde o *Projeto* Freud entende que segundo esse Princípio, a vida não pode pendurar.

Assim, pontua que um instinto é um impulso que tende a restaurar um estado anterior e conclui que existem duas espécies de instintos: aqueles que procuram conduzir o que é vivo à morte e outros, que perseguem uma renovação da vida, momento em que propõe a oposição entre pulsão de morte e pulsão de vida, que agora abrange tanto as pulsões sexuais quanto as pulsões do Eu. Assim, a pulsão de morte surge no constructo freudiano, mantendo íntima relação com a Compulsão à Repetição e o Princípio da inércia.

A pulsão de morte, segundo Freud (1920/1986), é regressiva e, nesse sentido, impele o indivíduo a reestabelecer estados psíquicos anteriores já experimentados, sendo eles prazerosos ou não. Essa tendência regressiva é, porém, reconhecida pelo autor como radical, já que ele também vê um componente conservador na pulsão de vida, que se esforça para restaurar um estado anterior ao caos pulsional. Assim, tendo entendido que a vida provém do inanimado, ou seja, da morte, a meta última da pulsão de morte seria o retorno ao início de tudo, momento em que a vida não existia, retorno, portanto, ao inorgânico. Observando atentamente esse fator regressivo das pulsões de morte, Freud (1920/1986) relaciona-o a repetições compulsivas no sentido de repetir um estado anterior à vida, uma busca incessante pela morte, ausência de excitações e autodestruição.

Segundo o autor, a meta das pulsões de vida é de fazer ligações, estas buscam não só conservar as unidades já existentes, mas também constituir unidades cada vez maiores. Reconhece, nessas pulsões, o que antes designava como pulsão sexual e pulsão de autopreservação. No entanto, o caráter disruptivo não lhe é mais atribuído, sendo outorgado às pulsões de morte.

As pulsões de vida são perceptíveis, pois causam sensações seja pela sua própria expressão manifesta, seja pela tensão constante advinda das necessidades que geram desprazer e que, ao serem satisfeitas, são liberadas e sentidas como prazer. Essas pulsões esforçam-se no sentido de prolongar a vida, realizar as atividades de autopreservação e satisfação sexual. Já as pulsões de morte são silenciosas e realizam seu trabalho de maneira quase imperceptível; estão relacionadas à falta de representação e desligamento pulsional, buscam o retorno à ausência de tensões, momento em que não exista necessidades, o que faz de sua descarga mais arcaica e que extrapola a ação ruidosa da pulsão de vida. Nesse sentido, “parecem realizar seu trabalho discretamente” (Freud, 1920/1986, p. 238. Tradução nossa).

Assim, Freud (1920/1986) entende as pulsões de vida como aquelas responsáveis pela união entre as células germinais, fato que possibilitaria a sua reprodução e a consequente manutenção da vida da substância. Toma essas pulsões como conservadoras, já que acabam buscando estados anteriores da substância viva, tais como estados fusionados. Freud (1920/1986) supõe que as pulsões de vida ativas em cada célula tomam as outras células como objetos, que parcialmente neutralizam as pulsões de morte, preservando a vida. Desse modo, para substituir a perfeição da descarga pulsional plena, as pulsões de vida se esforçam para unificar as substâncias orgânicas em unidades maiores. A busca incessante dessas pulsões é fazer com que dois tornem-se um em alusão ao passado do organismo.

Tendo percorrido esses estudos, entendemos que a Compulsão à Repetição, sob o ponto de vista dinâmico, relaciona-se agora com as Pulsões e suas tendências conservadoras, isto é, regressivas. No entanto parece que a repetição que se relaciona com a pulsão de morte, adquire caráter traumático, mas por sua vez, não apaga ou substitui a repetição apresentada ao longo dos primeiros escritos: a repetição com vistas à obediência ao princípio do prazer, que busca reviver situações prazerosas, mas a amplia, agora, relacionando-a ao caráter conservador das pulsões, que traz de volta vivências que não trazem nem trouxeram satisfação em momento algum.

2.2 Compulsão à repetição e o trabalho de ligação: finalidade ou consequência?

Ainda no texto de 1920, Freud explica que a consciência é função do sistema *Pcpt.-Cs.* e que tem, como papel, produzir a percepção dos processos excitatórios que recebe do mundo externo e de dentro do próprio aparelho psíquico. Por conta disso, o sistema *Pcpt.-Cs.* pode ser localizado na fronteira entre o exterior e o interior, o que nos permite compreendê-lo em termos anatômicos, como o córtex cerebral. Além da consciência, segundo o autor, há ainda outros traços distintivos entre o sistema *Pcpt.-Cs* e os demais sistemas, que dizem respeito à capacidade de inscrição e manutenção das marcas que os processos excitatórios deixam para trás de si sem que necessariamente esses fenômenos tenham se tornado consciente. Acaba que, por fim, essa característica é o traço distintivo mais importante entre a consciência e os outros sistemas.

Freud (1920/1986) propõe pensarmos na origem do sistema *Pcpt.-Cs.* a partir da metáfora de uma vesícula. A superfície mais externa da vesícula, por estar em constante contato com o mundo externo e receber dele estímulos constantes, acaba por se transformar

em uma camada calcinada que não sofre mais alterações permanentes, mas que tem, como característica de sua estrutura, a capacidade de recepção dos estímulos. A modificação da condição estrutural da camada mais superior e externa da vesícula tem, como explicação, o fato de que, para que a excitação passe de um elemento a outro, ela tenha que vencer uma resistência, ao passo que o vencimento dessa resistência deixa para trás de si um traço permanente. Isso nos levaria a pensar que no sistema *Cs.* não existe mais resistência para o deslocamento da excitação de um elemento para o outro, pois, nele, já ocorreram todas as modificações possíveis e, agora, já não sofre mais alterações permanentes. Assim, as passagens ocorrem livremente, sem formar traços no sistema *Cs.*, conduzindo apenas energia suscetível de descarga livre. A energia é livre, porque passa livremente de um elemento para outro.

Esse estrato cortical que serve como órgão sensitivo e que, posteriormente, será o sistema *Cs.*, também recebe estímulos internos. Assim, se, do lado de fora, há uma proteção ante estímulos que protege as camadas internas de receberem diretamente as excitações; do lado de dentro, as excitações atingem essa camada com sua intensidade completa, gerando o par de sentimentos opostos prazer versus desprazer. Por serem mais adequadas ao modo de trabalho do sistema *Cs.* do que as excitações do mundo externo, as excitações internas do organismo trazem duas consequências: a predominância da polaridade prazer versus desprazer sobre os processos do mundo externo e uma maneira peculiar de trabalhar com aquilo que resulta dessa série de sentimentos chamada de projeção.

Assim, a partir da consideração das funções do sistema *Cs.* entendemos que, a princípio, o trauma se relacionara apenas com o exterior, que consistia numa ruptura da barreira contra os estímulos externos e o transbordamento de energia no sistema psíquico, relacionado com o estado de não preparação. Na neurose traumática, surge o desafio de o psiquismo vincular as quantidades de energia que inundam o aparelho para que elas possam ser processadas. Resta ao aparelho psíquico produzir um contrainvestimento que se opõe à afluência de excitação proveniente do meio externo com o objetivo de ligar essa energia livre. Essa oposição se dá com a utilização da energia de outros locais do organismo. A neurose traumática seria uma consequência da ruptura desse escudo protetor em um momento que o organismo não está preparado por não haver energia capaz de vincular o excesso que emerge do caos pulsional.

A partir dessa compreensão o autor constata que, nas neuroses traumáticas, os sonhos não se colocam a serviço da realização alucinatória de um desejo, ou seja, não estão

submetidos ao Princípio do Prazer, mas é uma maneira de o sistema psíquico se preparar para o rompimento que ele sofrerá em sua barreira devido ao susto. Assim, os sonhos servem como um preparo que o indivíduo vive alucinatoriamente e que não foi vivido ante seu evento traumático, uma repetição que se serve para produzir ligações.

Tem-se a ideia de uma ação do aparelho psíquico que não contradiz exatamente o Princípio de Prazer, mas, ao mesmo tempo, parece ser mais primitiva. Disso, a função do sonho de servir à manutenção do sono parece ser posterior à Compulsão à Repetição, pois só surge sob o domínio do Princípio de Prazer. Portanto, os sonhos que ocorrem com o objetivo de ligação psíquica das impressões traumáticas e que obedecem à Compulsão à Repetição podem ocorrer também fora da análise.

Se o excesso de excitação vindo do meio externo pode causar a neurose traumática, essa parece também poder ser causada pela energia vinda desde o caos pulsional interno ao psiquismo. A organização interna primária do que posteriormente se desenvolverá, até se tornar o aparelho psíquico, pode ser caracterizada facilmente por uma forte tendência à dispersão, tendo em vista a disposição à descarga plena.

As fontes dessa excitação interna são as pulsões do organismo. As pulsões obedecem ao Processo Primário que tem como característica trabalhar com as energias livremente móveis em direção à descarga. Esse processo, como vimos, característico do sistema inconsciente, mas não somente, age com os investimentos sendo livres para se transferirem, deslocarem e condensarem. A tarefa dos sistemas psíquicos superiores é ligar essas excitações provenientes das pulsões que agem segundo esse processo. Destarte, somente após a ligação é que seria possível a dominância do princípio do prazer e, até mesmo, a sua existência. Por isso, a primeira tarefa do sistema psíquico seria anterior a esse princípio e independente dele.

Segundo Laplanche e Pontalis (2001), o termo ligação é utilizado por Freud para se referir em registros vários a uma operação tendente a limitar o livre escoamento das excitações, ou seja, ligar as representações entre si, manter formas estáveis.

Assim, no texto *do Projeto* Freud irá se referir à Q em fluxo, quando perpassando os neurônios, e Q estática quando retida na passagem de um neurônio a outro, o que se refere à ideia de energia livre e energia ligada, passagem do Processo Primário ao Processo Secundário. A ligação no Projeto aparece primeiramente em relação ao Eu que, como vimos no capítulo 1, se constitui como uma massa de neurônios bem ligada, entre os quais existem boas facilitações. Esta que também exerce efeito de inibição e de ligação, assim, há momentos que o autor se refere à experiências não domadas, como aquelas que ao serem revividas,

despertam desprazer, tendendo a descarga e inviabilizando o pensamento e tais como as experiências de repetição compulsiva. Freud aponta que, para que esta energia seja domada energia, faz-se necessário uma ligação forte e repetida proveniente do Eu.

Assim, ao falar de energia livre, retoma a um sistema fortemente investido que consegue ligar um afluxo de energia. Este sistema é denominado como Eu. Importante salientar, como aponta Monzani (1989), que mesmo anteriormente ao trabalho de eliminação das excitações, é necessário o processo de ligação. Essa atua em relação a uma etapa anterior ao pensamento e ao escoamento ordenado, quando não há ligação, há caos, há excesso de energia livre circulando no psiquismo e retomando a discussão acima, Processo Primário.

Em se tratando do trabalho de ligação, Freud vai, posteriormente, referir-se também a dor e ao trauma psíquico. O problema do trauma, abrange segundo Monzani (1989), questões como o recebimento de estímulos e principalmente, modo com que esse aparelho psíquico atua no sentido de neutralizar os efeitos perturbadores dos excessos. Assim, ele propõe o entendimento de toda a noção de trauma desde sua incidência enquanto somente relativo ao físico até o conceito de neurose traumática. Nesse sentido, o primeiro é entendido como tendo causa o fator externo, situações provindas de fora, que tenham força suficiente para atravessar o escudo protetor. Assim, o conceito de trauma, implica em ruptura na proteção do psiquismo, relacionado, como vimos, à uma vesícula, cuja superfície tornou-se camada calcinada como um escudo, e a invasão de uma afluxo de excitação tendo como exemplo o que já fora antes discutido: a dor. Desse modo, o aparelho psíquico mobilizaria o conjunto de energia que teria a sua disposição, energia quiescente, Q constante nos neurônios nucleares de Psi (Eu), a fim de se opor a energia invasora, energia livre.

Do presente caso, então, inferimos que um sistema que é altamente catexizado é capaz de receber um influxo adicional de energia nova e de convertê-la em catexia quiescente, isso é, de vinculá-la psicologicamente. (FREUD, 1923/1986, p 46. Tradução nossa).

Nesse momento, Monzani (1989) faz uma distinção entre a dor e o trauma, sendo a dor proveniente do encontro entre a energia livre com a energia mobilizada para bloqueá-la, fixá-la, ligá-la. Para Násio (1997), a dor se relaciona sempre a um limite, como o limite entre eu e o outro e até mesmo ao funcionamento bem regulado do organismo e seu degradingamento, fenômeno misto que surge entre corpo e psique. Pontua que “Mais precisamente, a dor

psíquica é o afeto que traduz na consciência a reação defensiva do eu quando, sendo comissionado, ele luta para se reencontrar. A dor é, pois, uma reação.” (Násio, 1997 p. 28).

Assim, ambos estariam de acordo que a dor relaciona-se ao trabalho de ligação, que seria, por sua vez, a meta do aparelho psíquico. Já o trauma estaria relacionado com a invasão e a ruptura da barreira de contato enquanto o aparelho psíquico encontrar-se-ia despreparado, ou seja, impossibilitado de vincular a energia livre por não ter mobilizado energia quiescente o suficiente.

O processo de ligação descrito, depende, dessa forma, da quantidade de energia quiescente (Q constante) que o aparelho detém, e também se esta é capaz de receber e ligar o influxo de energia. Então, primeiramente, há o trabalho de vincular a energia para que ela deixe de atuar livremente e só posteriormente de eliminá-la, suportar o desprazer que resulta daí, até que seja possível uma eliminação adequada. Assim, é preciso contar com um estoque de energia acumulada, o que faz a ligação ter papel fundamental para que o Princípio do prazer possa atuar.

Aqui, parece que a repetição que se relaciona diretamente com o pulsional parece não satisfazer o princípio do prazer, trata-se da repetição do traumático, do traumático referente ao excesso pulsional. A repetição sem destino repete-se pela própria necessidade de repetir, relacionando à própria destrutividade das pulsões, ela ocorre onde a *Bindung* não realizou seu trabalho de ligação e imprime a insistência da destruição. Segundo Green (2007), essa compulsão à repetição pode se manifestar também como perda do significado da experiência, devido aos desligamentos que a pulsão de morte acarreta.

Tendo em vista que nosso objetivo não é defender uma hipótese em detrimento da outra, até mesmo porque Monzani (1989) nos afirma que nenhum conceito é tão desorientador como o conceito de Compulsão à Repetição e não nos cabe simplificar grosseiramente tal discussão, objetivamos apresentar os questionamentos suscitados para que os leitores acompanhem as ampliações e implicações que esse conceito vem ganhando e delineando desde sua postulação. No entanto não nos deteremos em encontrar respostas à tais questionamentos.

CAPÍTULO III

A COMPULSÃO À REPETIÇÃO E ALGUMAS IMPLICAÇÕES PARA PENSAR SUA POTENCIALIDADE TERAPÊUTICA.

Este capítulo busca levantar algumas questões referentes a compulsão à repetição e sua relação com as pulsões no tocante à seu estatuto metapsicológico, a fim de abrir a possibilidade de pensar terapêuticamente o aproveitamento de alguns processos pulsionais. Aqui, destaca-se principalmente o processo de fusão pulsional por dar uma nova roupagem à pulsão de morte, considerando não apenas a negatividade, costumeiramente a ela associada, mas a possibilidade de evidenciar uma faceta positiva desta quando em relação com a Compulsão à Repetição.

A intenção é extrair dessa discussão algumas consequências sobre a forma com que Freud entende e articula alguns dos conceitos-chaves para entender a Repetição e seu aproveitamento terapêutico. Dessa forma, abordaremos os mecanismos de fusão pulsional em relação com o processo de ligação e ao desenvolvimento do psiquismo. Para tanto, a discussão nesse capítulo girará majoritariamente em torno do ponto de vista econômico, a fim de tentar avançar em direção ao exame das possibilidades de se pensar em um potencial criativo sugerido por autores contemporâneos, levando em conta o mecanismo do referido mecanismo de fusão. Buscamos entender, dessa maneira, como a repetição demoníaca, a que Freud se refere - por sua íntima relação com a pulsão de morte quando associada à essa pulsão de vida - também pode adquirir diversas roupagens, entre elas o que denominamos potencialidade terapêutica.

Para tanto, o capítulo se divide em quatro seções: iniciaremos tratando sobre as *Considerações sobre o Processo Primário, o Processo Secundário e o papel do Eu no trabalho de ligação (Bindung)* em que retomaremos conceitos-chaves para entender a problemática; depois, trataremos a seção intitulada *Processos primários e a Desfusão pulsional nos processos repetitivos*, em que lançaremos luz principalmente sobre o processo de desfusão sua relação com os processos primários e as consequências mortíferas do mesmo; outra nomeada como *Processos Secundários e o Processo de fusão Pulsional*, em que abordaremos as possíveis potencialidades desses processos em relação à Compulsão à Repetição, e por fim, trataremos *Possibilidades de aproveitamento terapêutico do potencial*

criativo da compulsão de repetição: Comentários a partir de algumas leituras contemporâneas.

3.1 Considerações sobre o Processo Primário, o Processo Secundário e o papel do Eu no trabalho de ligação (Bindung)

Conforme a discussão já iniciada no capítulo 1, a partir do texto *do Projeto de uma Psicologia* (Freud, 1895/1986), os neurônios de que são formados o aparelho neuropsíquico devem sempre se haver com as Q que lhe chegam desde fora ou a partir do interior do corpo, obedecendo a certa tendência de funcionamento, ao passo que ora estão carregados, ora esvaziados de Q. Há, dessa forma, entre os neurônios, um certo automatismo que faz com que se busque sempre a eliminação. Como vimos na seção 1.2.3 do capítulo 1, o princípio que regula o funcionamento do aparelho neuropsíquico foi inicialmente denominado por Freud como Princípio da Inércia, válido para os organismos simples, como organismos unicelulares que receberiam estímulos apenas externos e os eliminariam, mantendo-se livres de Q. No entanto, nos organismos complexos, dado que estes recebem também excitações a partir do interior do corpo, a tendência à inércia não teria lugar, modificada seria para uma tendência à constância. Ou seja, esses organismos teriam que tolerar certo armazenamento de Q, em nível constante, a fim de custear a realização de ações específicas mais complexas para a satisfação de necessidades corporais específicas.

Segundo Freud (1910/1986), no início da vida, o bebê que faminto grita, chora, se agita, não pode satisfazer suas necessidades corporais mediante tais ações aleatórias, já que a situação permanece inalterada. Isso porque a excitação proveniente da necessidade interna não se dá por um impacto momentâneo, mas sim, constante, e só cessa quando há, através do auxílio externo, uma vivência de satisfação que põe fim ao estímulo interno. O componente essencial dessa vivência de satisfação é uma percepção específica, cuja imagem mnêmica fica associada, daí por diante, ao traço mnêmico da excitação produzida pela necessidade. Assim, pelo vínculo estabelecido na vivência de satisfação, restam associadas as imagens ou ideias correspondentes à percepção do objeto auxiliar e a sua resposta à tensão da necessidade.

Baseada nessa associação, que em *Projeto* é vista pelo autor como uma trilha neuronal facilitada, quando do ressurgimento do estado de carência corporal, a tensão correspondente seguirá de forma imediata e automática pelas trilhas facilitadas em direção a imagem do

objeto auxiliar. Esse processo psíquico que consiste em percorrer o caminho mais curto para solucionar o estado de necessidade é denominado por Freud como realização alucinatória de desejo, pois a via que conduzia diretamente a excitação produzida pela necessidade para uma completa catexia da percepção culminaria em alucinação, uma vez que a realização do desejo seria executada independentemente da presença real do objeto. Para Freud (1895/1986), o que denominamos desejo consiste nessa tendência a percorrer um circuito associativo que leva da necessidade à ideia de um objeto auxiliar. Dessa maneira, pela vivência de satisfação, restaria no aparelho a tendência a realização de desejos sem considerar a realidade do objeto, ou seja, a tendência a livrar-se a todo custo do desprazer associado a tensão de necessidade.

Além da tendência a realizar desejo, Freud também considera que há situações em que há uma falha no aparelho psíquico, rompendo com a busca de estabilidade, momentos em que surge a dor, caracterizada pela invasão de enormes quantidades de Q nos neurônios. Nesses casos, dada a tendência a constância, que regula o funcionamento do aparelho, são desencadeadas reações imediatas visando livrar-se da Q invasora. Como as vivências de satisfação que geram uma atração pela imagem recordativa do objeto auxiliar (objeto de desejo), as vivências dolorosas deixam como tendência de funcionamento uma repulsa a manter ocupada a imagem recordativa do objeto hostil, objeto que causou a dor. A esta última, o autor denomina, em *Projeto*, de repressão.

De acordo com essas hipóteses, no ressurgimento do estado de desejo pelas trilhas facilitadas deixadas pela vivência de satisfação, a tensão é conduzida em direção a catexização da imagem do objeto de desejo e no caso da vivência dolorosa, haveria um aumento no nível da excitação em ψ , sentido agora não como dor, mas como desprazer; assim, também devido as trilhas bem facilitadas entre a imagem do objeto hostil e as vias de inervação para a descarga da excitação, quando da reativação de sua imagem a tensão aí em jogo tende a seguir pronta e automaticamente pelos caminhos de eliminação, retirando as catexias da representação do objeto que provocou a dor. Em outras palavras, seguindo um automatismo, quando a representação do objeto hostil fosse ocupada novamente, a partir da percepção ou pelo decurso dos processos associativos, haveria uma liberação de quantidade no aparelho, a qual geraria desprazer e um esforço para a desocupação da representação do objeto hostil.

Freud (1895/1986) pontua que a dor se exterioriza em fenômenos próximos aos patológicos e afirma que tanto as vivências de dor, quanto as vivências prazerosas deixam restos e motivos do tipo compulsivo. Desde o texto do *Projeto*, a esse tipo de funcionamento

compulsivo, Freud denomina Processos Primários. Eis sua definição: “Designamos processos psíquicos Primários à ocupação desiderativa até a alucinação, o total desenvolvimento do desprazer trazendo consigo o gasto total de defesa” (Freud, 1985/1986, p. 204). Ou seja, processos primários consistiriam em tendências de funcionamento psíquico como os deixados pelas duas vivências fundamentais acima descritas, a de satisfação e a de dor.

O processo primário também é tido como característico do funcionamento inconsciente, parecendo ser guiado pelo princípio de inércia, aquele característico de organismos simples. Nesse tipo de funcionamento, a excitação seguiria sem qualquer interferência, pela via mais facilitada, de forma livre e automática independente do objeto ou do mundo externo.

Ainda segundo Caropresso & Simanke (2006), seguir o caminho mais facilitado é um fator automático dos processos nervosos, já que as facilitações exercem menor resistência à condução da energia, o que se daria pelo Processo Primário existente no psiquismo. A energia do processo primário, entendida como aquela que é livre e móvel, conduziria à reativação de representações que em sua origem, produziram desprazer. Isso ocorreria nos processos ocasionados pela vivência de dor assim como a vivência de satisfação. Nesta, teria como consequência psíquica o surgimento dos “estados de desejo”, que a princípio, conduziriam à alucinação e a uma descarga motora ineficaz. Já a vivência de dor teria como consequência o surgimento do afeto, cujo protótipo são os estados de angústia. (Freud, 1895/1986).

Posteriormente, sobretudo em organismos complexos como os seres humanos, as necessidades da vida transformariam essa atividade primitiva de pensamento numa atividade secundária mais conveniente, que leva em conta as exigências da realidade. E a essa nova forma de funcionamento psíquico, Freud denomina de Processos Secundários. Em suas palavras :

Por outro lado, designamos como Processos Psíquicos Secundários todos os outros processos que são possibilitados por uma boa ocupação do Eu e que são uma moderação dos expostos acima [processos primários]. (1895/2003, P. 204; entre colchetes esclarecimentos nossos).

Essa mudança no regime de funcionamento mental é possibilitada pelas ações inibitórias realizadas pelo eu, por isso, o Processo Secundário corresponde a um retardamento da descarga de energia que, passando por uma mediação por parte do eu, visa o não investimento de uma recordação-lembrança do objeto hostil que causou a dor, por exemplo.

Antes de prosseguir, convém retomarmos alguns esclarecimentos sobre o Eu e complementá-los.

Como foi explanado na seção 1.2.3 no capítulo 1 e na seção 2.2 do capítulo 2, o Eu é concebido por Freud como uma organização neuropsíquica constantemente catexizada e por isso, capaz de efetuar inibições sobre a livre circulação de Q pelos neurônios. Ou seja, por encontrar-se preenchido por excitações em estado quiescente ou ligado, conforme se esclarece abaixo, o Eu seria capaz de interferir sobre cursos quantitativos que seguiriam livremente pelas trilhas melhores facilitadas, retardando ou mesmo impedindo o livre fluxo de excitações. Conforme a definição de Freud (1895/2003):

Esta organização chama-se o Eu e pode facilmente ser apresentada pela consideração de que com regularidade se repete a recepção de Q's endógenas em determinados neurônios do núcleo, e de que o efeito de facilitação decorrente daí resulta em um grupo neurônico, cuja ocupação é constante e corresponde, por conseguinte, ao portador de armazenamento exigido pela função secundária (Freud, 1895/2003, p. 200) .

Pela definição exposta do Eu, caberia, portanto, a ele, a função de inibir a ocorrência de processos primários como parecem poder serem considerados os processos repetitivos que seguem o automatismo, introduzindo, assim, um novo regime de funcionamento no psiquismo. Por isso, o autor considera: “Assim, se existir um eu, ele tem que inibir processo psíquicos primários”. (Freud, 1895/2003 p. 201). Essa capacidade do eu seria possibilitada pelo estado em que se encontraria a energia nele investida. A esse estado energético Freud denomina energia ligada, que se distingue do estado livre.

Laplanche e Pontalis (2001) esclarecem que Freud relaciona energia livre ao Processo Primário à medida com que há um escoamento para a descarga de modo mais rápido, enquanto a energia ligada está relacionada ao processo secundário, em que o movimento para descarga é retardado, ou controlado, o que por sua vez, corresponderia a um armazenamento equivalente à constância. Assim, o autor propõe que o estado de energia livre precede o estado ligado, esse último caracterizaria um grau mais elevado de estruturação. Assim, se existir um Eu investido de energia ligada, cabe a ele inibir Processos Primários, caracterizados por energia livremente fluente, instaurando um regime superior, os chamados Processo Secundários.

A partir dessas considerações sobre o Eu, compreende-se que no caso dos estados de desejo, o estabelecimento de uma identidade perceptiva pela curta via da regressão no interior do aparelho não tem em outro lugar da psique o mesmo resultado que a catexia dessa mesma

percepção desde o exterior, de tal forma que se faz necessário deter a regressão para que não vá além da imagem mnêmica e busque outras formas de satisfação que inclua a desejada identidade perceptiva desde o mundo exterior. Com as repetições das alucinações primárias de desejo e a conseqüente frustração e desamparo, o Eu passaria a impedir a ocupação da representação do objeto de desejo e as representações de movimento a ela associadas. A esse respeito, Caropesco e Simanke (2006) citam como exemplo o não executar de ações ineficazes, tais como a sucção do vazio, por exemplo, no caso paradigmático da fome do recém-nascido.

Dessa forma, ao falar de repressão ou de vivências de desejos, estamos falando de uma parte organizada cuja existência perturba, segundo Freud, cursos quantitativos executados de uma primeira vez em forma determinada. Essa parte equivale ao Eu, definido no Projeto como uma massa organizada de neurônios, com facilitações entre si, constantemente investido em um campo imantado que teria a potencialidade de atrair energia para ser desviado. Portanto, o curso desta, quando estiver se dando de forma livre, termina na liberação de desprazer.

O Eu também atua diferenciando a percepção da ideia, pois nos neurônios ψ não há diferença entre objeto real e objeto fantasioso; por isso que uma recordação pode provocar quase tanta dor quanto o objeto que casou a dor. Desse modo, percebemos que cabe ao Eu, entidade neuropsíquica responsável pela inibição de processos automáticos e repetitivos, através da ligação, promover um funcionamento mais adaptado, instalando os processos secundários que se sobrepõem ao processo Primário.

Importante trazer a discussão que em 1920 Freud, descreve uma capacidade defensiva adquirida quando refere-se à superfície camada calcinada da vesícula, utilizando-se de termos biológicos, o que levar-nos-á pensar sobre essa camada corresponder ao eu, que se desenvolve posteriormente ao início da vida, considerando que, conforme Freud (1923/1986), a princípio, só existiria o Id, funcionamento primário. Assim, as exigências da vida, buscariam uma modificação interna. Onde reinava funcionamento primário, houve o desenvolvimento do Eu que possibilitou o funcionamento secundário. Onde havia automatismo operando pela inércia houve ligação por meio da constância, e o que parece permitir essas transformação seria o Eu que pela ligação das energias, produziria a capacidade de pensar.

A massa neuronal altamente catexizada é a condição para um Eu que exerça domínio sobre as quantidades, e este se desenvolve, de acordo com Freud (1923/1996), através dos impactos dos estímulos externos que levam a uma diferenciação na camada periférica do aparelho psíquico, ou seja, mediante sua vinculação com a realidade externa, trocas afetivas

com o mundo. Assim, percebemos que o outro, a realidade externa cumpre com o importante papel para o surgimento e fortalecimento do Eu.

Sabemos que desde a infância, é a mãe com sua capacidade de sentir e traduzir o que o filho comunica que pode dar vazão aos instintos e às pulsões. O bebê, por ainda não ter um Eu suficientemente catexizado, percebe uma infinidade de sensações das quais não sabe como se livrar, a não ser externar em forma de choro compulsivo, para que o outro o contenha. O desenvolvimento acontece como um processo contínuo, e assim, influenciado pelas vivências da conflitiva edípica, a instauração do supereu, as primeiras experiências com o cuidador, essas constituindo as experiências prévias do indivíduo com o mundo externo.

Na *Carta 52* (Freud, 1896/1996) Freud nos apresenta a ideia de inscrição e, parte do pressuposto de um aparelho psíquico composto por diferentes registros, tais como inconsciente, consciente e pré consciente, com suas lógicas individuais, constituindo-se por diferentes camadas pelas quais o material mnêmico atravessa, sofrendo traduções de acordo com as lógicas vigentes em cada registro. A cada nova transcrição a anterior é inibida.

Assim, entende-se que no início da vida, essas traduções são feitas a partir do auxílio do outro. Ao nascer, se desenvolver nos primeiros anos, a criança é inundada de estímulos externos que lhe cabem serem traduzidas, o que só é possível à medida que os adultos o forneçam elementos de ligação – investimento libidinal. Assim, há o desenvolvimento do bebê enquanto há o desenvolvimento do aparelho psíquico. O Eu, fortalecendo-se, submete os processos mentais ao teste de realidade, assegurando adiamento das descargas motoras e acesso a motilidade, Processo Secundário.

No entanto, ainda segundo a *Carta 52*, podem ocorrer falhas na tradução, o que denuncia que algo precisou ser recalçado; ou seja, o recalque caracteriza-se por uma recusa em efetuar a tradução, que se completada geraria desprazer. Ainda nessa carta, Freud nos conta que há materiais que não são transcritos, mas sim inscritos como marcas, pois não são traduzidos, de tal forma que há um resto que sobra. Diferenciando-se do recalque que se coloca como uma falha da tradução, as marcas constituem-se como “*fueros*” resultados de uma falha na tradução. Assim, persiste no aparato psíquico grandes quantidades, que segundo o autor, obedecem a leis de funcionamento primários, anteriores à qualquer tentativa de tradução para outro sistema. *Fueros* que aparecem como defesa contra uma realidade insuportável para o psiquismo, que também não pôde contar com o outro externo para traduzi-lo.

Dessa forma, para que essas recordações possam ser dominadas, elas precisam colocar-se, de alguma maneira, sob domínio do Eu para que este possa ligá-las. Assim, faz-se necessário uma repetição da vivência dessas marcas até que a facilitação para o desprazer seja contrabalançada e o Eu adquira força suficiente, ou seja, possa se tornar altamente investido/cateixizado, para que haja energia suficiente à vinculação.

Baseados na discussão feita até agora, podemos entender a tradução como relativa à ligação, principalmente à ligação da representação coisa à representação palavra, ligação necessária para passar do domínios dos Processos Psíquicos Primários para o Secundários, e que se dá através da libido existente no Eu.

3.2 Processos primários e a Defusão pulsional nos processos repetitivos

Freud em *O Eu e o Id* (1923), defende que as mais abundantes fontes de excitação interna são as pulsões, representantes de todas as forças que se originam no interior do corpo, sendo que a tarefa do aparelho psíquico constitui-se em ligar essa energia para que essa se torne tratável, acessível simbolicamente. O Processo primário, tem como característica, um automatismo para sair do estado de desprazer, aumento do afeto proveniente de excitações pulsionais, assim tende a realizar ações motoras que, como vimos, falham na tarefa de obter satisfação, o fracasso nessa tarefa, devido à não hipercatexia suficiente do Eu, ou, retomando o *Projeto*, devido ao Eu encontrar-se enfraquecido ou impossibilitado em seu trabalho de ligação, culmina no desenvolvimento de sintomas, tais como repetições, e como veremos adiante, em defusão pulsional que explicaria os sintomas.

No texto *O Eu e o Id* (1923/1986), Freud retoma a questão das duas classes de instintos, atribuindo a elas características da fisiologia, diferenciando-as como anabólica (construção) e catabólica (destruição). Dessa forma, sob um ponto de vista dinâmico, a pulsão de vida visaria a assimilação (anabolismo) e a pulsão de morte visaria a disjunção, dissimilação (catabolismo). O funcionamento da pulsão de morte parece estar em concomitância com os Processos Primários, à medida que, ao invés de atuar ao lado das ligações, visariam o desligamento, a dissimilação. Entendendo que a pulsão de morte é a própria pulsão, nas palavras de Freud, pulsão por excelência, que tem fonte no *soma*, e cuja meta é a descarga e não a satisfação, já que não tem objeto, logo é cega, só a pulsão de vida pode lhe dar um rumo a ser seguido.

Freud (1920/1986) se utiliza das observações da Embriologia e da Biologia, como o biólogo Weisman (1884 *apud* Freud 1920/1986), que enxerga morfológicamente, na substância viva, uma parte destinada a morrer e outra destinada à manutenção da vida, de tal forma que o organismo pluricelular morre por causas internas. Tal compreensão leva-o a entender que todo o desenvolvimento do organismo se dá por conta das influências de processos perturbadores e desviantes, e que os movimentos pulsionais, que se mostram na história do desenvolvimento das espécies, dão-se como resultado de ações pulsionais que visam eliminar as perturbações do organismo.

O autor em (1923/1986) nos afirma que ambas as pulsões são conservadoras, já que elas visam restaurar um estado de coisas que foi perturbado pelo aparecimento da vida e esta seria a causa da continuidade da vida e, também, o esforço em relação à morte. Nesse sentido, retomando a ambiguidade tratada anteriormente, parece que pulsão de morte, visando reestabelecer o estado anterior, a vida (morte), corresponderia ao princípio de inércia, característico de um automatismo desenfreado, e a pulsão de vida, visando reestabelecer o estado de fusão, posterior ao surgimento da vida, momento em que a quantidade de excitação se mantém constante, parece corresponder à tendência à constância. Fica assim, claro, que relacionamos de um lado, uma associação entre Princípio da inércia, Processos Primários e Pulsões de morte, e de outro, uma associação entre Princípio da Constância, Processos Secundários e Pulsões de vida.

Para Freud, as pulsões estariam presentes, as duas, em cada partícula viva, culminando na ambivalência de tudo que somos e fazemos.

As pulsões eróticas e as de morte estariam em misturas, fusões regulares; mas “desfusões” também estariam sujeitas a ocorrer. A vida consistiria nas manifestações do conflito ou da interação entre as duas classes de pulsões. A morte significaria para o indivíduo a vitória das pulsões destrutivas, mas a reprodução representaria para ele a vitória de Eros (Freud, 1923/1986, p. 312).

Embora afirmando que não há como explicar como as pulsões se misturam e se separam, processo de fusão e des fusão, essa hipótese para Freud (1923/1986), a partir desse momento, coloca-se como indispensáveis para pensar a continuidade da vida, pois, segundo ele, é por meio dessa fusão que a libido proveniente das pulsões de vida pode utilizar sua força para neutralizar a energia disruptiva e automática da pulsão de morte. Assim, quando fusionadas nas partículas, a agressividade e destrutividade das pulsões de morte ganham um destino: são lançadas pela pulsão de vida para o exterior. Por meio da musculatura, são

destinadas para o mundo externo. Assim sendo, a pulsão de morte, que é descrita como silenciosa, ganha um clamor que provém da pulsão de vida, isto é, um destino, um trajeto, podendo passar a ser escutada.

Ainda considerando a fusão pulsional, Freud (1923/1986) afirma que não podemos deixar de supor que, em algum momento, também exista a defusão. Isto é, quando pulsões de morte e pulsões de vida encontram-se separadas e atuando conforme os seus próprios mecanismos. Para exemplificar, o autor nos fala sobre a crise epilética, a neurose obsessiva e sobre a ambivalência como uma fusão que não se completou. Desse modo, podemos pensar sobre a autodestrutividade da pulsão de morte enquanto defusionada, a qual atuaria solitariamente.

Para ilustrar tal aspecto de defusão da pulsão de morte, do qual não podemos saber o grau, vale trazer para a discussão um pouco sobre a Reação Terapêutica Negativa (RTN), fenômeno que ocorre na análise e que é entendido por Freud (1923/1986) como uma piora compulsiva dos sintomas à medida que a análise progride. Pela RTN, à medida em que há uma aproximação de um reestabelecimento, o paciente entende estar perigo, este que decorre de um fator moral advindo do sentimento de culpa descrito anteriormente. Esse sentimento faz com que o sujeito encontre satisfação em estar doente, apegando-se aos ganhos secundários dos sintomas, demonstrando uma tendência masoquista. Anteriormente, postulado como decorrente de um conflito consciente, o sentimento de culpa podia ser entendido como um conflito entre o Eu e o Supereu, como uma condenação do último ao primeiro que não atendia às exigências de um Ideal de Eu. Agora, no entanto, entendendo-o como inconsciente advindo das moções pulsionais, esse sentimento decorre do fato de o Supereu estar sendo influenciado por processos desconhecidos ao Eu e imperceptíveis, tais como aqueles decorrentes das ações da pulsão de morte. Assim, como vimos no capítulo 1, por consequência da dissolução do Complexo de Édipo, o processo de identificação e sublimação da energia sexual envolvidas, mediado pelo eu, faz com que seja liberado uma cota de agressividade defusionada, pura pulsão de morte, que por sua vez, tem como destino, entrincheirar-se no Supereu constituindo o sentimento de culpa inconsciente.

Anteriormente, Freud entenderia o sintoma como algo que devia ser eliminado; agora, o autor percebe que há, no sujeito, uma tendência a permanecer no sintoma, e, então, percebe-se a importância em se debruçar no sentido de entender as tendências masoquistas que o Eu apresenta, já que, na análise, é comum a repetição de um sentimento de culpa manifesto pela fixação ao sintoma.

Sob novas roupagens, o sentimento de culpa apresenta-se, insistindo assim, em manifestar-se em sintomas que podem, à primeira vista, não se relacionarem ou como uma tendência masoquista a permanecer no sofrimento, mas que, de fato, guardam íntima relação. Assim, aparece um processo de repetição da qual não se observa nenhum prazer, somente a tendência a reviver situações desprazerosas que podem levar à morte psíquica. Dessa forma, pulsões de morte desfusionadas aumentariam a inércia psíquica e os processos repetitivos dela resultantes, e assim, intensificariam o sentimento de culpa, RNT, à medida que as pulsões agressivas se encontrem entrincheiradas no Supereu.

Aqui, a repetição que se relaciona diretamente com o pulsional, que o Processo Primário, ajuda-nos a ilustrar e melhor compreender. Trata-se da repetição do traumático, do traumático referente ao excesso pulsional, energia sem ligação anterior ao processo de ligação, energia disruptiva da pulsão de morte entrincheirada no *Supereu* que atua causando desligamentos. Assim, parece que pela repetição, o sintoma se atualiza, repetição sem destino que repete-se pela própria necessidade de repetir, relacionando à própria destrutividade das pulsões, imprimindo a insistência da destruição.

Segundo Green (1984/1986), essa compulsão à repetição se manifesta como perda do significado da experiência, devido aos desligamentos que a pulsão de morte acarreta, o que leva-nos a pensar nos *fueros* psíquicos remanescentes, à medida que a tradução não se efetua e ao sentimento de culpa inconsciente, que não se permite a ligação à nenhuma representação consciente pelo paciente, tornando-se inacessível. Segundo Paim Filho (2010), a desfusão é o destino da compulsão à repetição, esta que contém a pulsão de morte não modificada. “O outro destino de uma compulsão à repetição do não prazeroso, significa uma desfusão pulsional, algo ligado intimamente, que, como dissemos, contém a pulsão de morte, mas não a modifica, decorrente de uma frágil solidariedade excitatória sexual.” (Paim Filho, 2010, p. 08).

Em se tratando da desfusão, podemos ver em jogo os pontos de vistas tópico, dinâmico e sobretudo o econômico, à medida que vemos operar uma energia livre, sem ligação, pura fruição, automatismo referente aos processos Primários, que agora, fogem daqueles regulados exclusivamente pelo Princípio do Prazer, referindo-se à dinâmica das pulsões de morte.

3.3 Os processos secundários e Fusão pulsional: ligações e possibilidades terapêuticas.

Freud (1923/1986), com a formulação da nova tópica, reforça o entendimento de que a função do processamento secundário depende de um Eu cada vez melhor integrado. Ele também nos afirma, como vimos anteriormente, que uma das mais importantes funções do aparelho psíquico é ligar os impulsos pulsionais que geram tensão, transformando a energia de investimento não ligada, livre e móvel, em energia ligada, e tal transformação é comparada à transformação dos Processos Primários para os Processos Secundários. A instalação dos processos secundários é o que possibilita o amadurecimento do aparelho psíquico, o suportar as excitações para que sejam eliminadas de forma ordenada, a continuidade da manutenção das exigências do mundo interno em conformidade com as exigências externas, ou seja, o prevalecer da vida, e do princípio da constância. É a partir deste processo que as pulsões passam de puro afeto, para o campo da representação, sendo fixadas em imagem e podendo advir em palavras.

Nos últimos textos de Freud (1937/1986), ele postula que o princípio subjacente às pulsões de vida seria o Princípio de Ligação. Assim, parece haver novos olhares em relação ao tema da ligação, tema desde o *Projeto* de 1895 até o final da sua Obra. Vemos anteriormente que no início a ligação era atribuída a função do Eu, sendo o Eu responsável pela ligação e posteriormente instalação do Processo Secundário. Agora, com o processo de fusão, a ligação também passa a se relacionar com as pulsões de vida. Segundo Green (2007) a ligação é uma forma de atividade primitiva, uma característica da organização pulsional mesmo antes de se tornar uma expressão da passagem dos processos Primários para os Secundários.

Assim, entende-se que dada a necessidade de manutenção da vida, que se faz pelo trabalho da *Bindung*, e que não permite o automatismo se sobressair, parece haver, uma modificação em nível ainda mais elementar, e aqui recorreremos também ao *Projeto*, que nos mostra uma modificação que se dá também à nível dos Princípios que regulam o Psiquismo, os organismos passariam da tendência a ausência de excitação à manutenção de uma quantidade constante, ou seja do Princípio da Inércia para o Princípio da Constância. Mas o que faria essa modificação?

Em *O Problema Econômico do Masoquismo*, Freud (1924/1986) nos apresenta o masoquismo original como produto do primeiro encontro da pulsão de morte pela libido e nos fala do quanto o resultante de tal encontro será um fator de relevância no desenvolvimento da psique: “ao surgir, a libido teria encontrado a pulsão de morte – ou de destruição – já predominando nos seres vivos” (p. 109). Baseado na hipótese de Freud, poder-se-ia

perguntar: seria, então, a fusão pulsional, ou seja, o entrelaçamento e aproveitamento da energia das pulsões de morte pelas pulsões de vida (pulsões sexuais e de autoconservação), o que permitiria a continuidade da vida? Sendo a resposta afirmativa, podemos entender que o processo de fusão que permite a vida, também está implicado na mudança do princípio da inércia para a constância, e então por consequência, no desenvolvimento dos Processos Secundários.

Se assim, a fusão pulsional, entendida também como potencialidade de ligação, puder ser considerada como o que permitiria a vida se perdurar, podemos entender que jamais temos de lidar com instintos de vida puros ou instintos de morte puros, mas apenas com misturas deles em quantidades diferentes, assim como vimos que Freud afirma em 1923. Além disso, talvez essa afirmação de Freud também possa ser associada a outra que encontramos em texto mais antigo, a de que um organismo que se vale somente de processos primários não existe, seria ficção. (Freud, 1900/1986).

Em se tratando das pulsões Freud, no texto *Mal estar na Civilização (1929/1986)*, revela que elas estão sempre, em certa medida, fusionadas, o que varia, portanto, seria o seu grau. Assim, morte e vida encontram-se implicadas em um movimento de criação e continuação da vida, movimento nada simples, que envolveria a maturação do psiquismo, e dependeria da ligação, da *Bindung* e o estabelecimento do Processo Secundário.

De acordo com essas considerações, pode-se dizer, portanto, que é pelo mecanismo de fusão que as pulsões de morte são amalgamadas com as pulsões de vida e, então, através da ação muscular destinadas ao mundo externo. A ação muscular pressupõe um eu, já que é ele que faz o controle sobre a motilidade (Freud, 1900/1986). Esse destino pode ser destrutivo no sentido de uma agressividade dirigida ao exterior, mas também pode ser construtivo, quando a força física é destinada para construção da civilização, e, também, nos casos em que tal energia puder ganhar elaboração psíquica e ser, por assim dizer, sublimada, direcionada para atividades. Essa transposição de parte da autodestrutividade para o exterior ocorre por intermédio da libido, que:

Tem a tarefa de fazer inócuo esse instinto destruidor, e a cumpre desviando-o em boa parte — e logo com ajuda de um sistema orgânico particular, a musculatura — para fora, para os objetos do mundo exterior. Então ele se chamaria instinto de destruição, instinto de apoderamento, vontade de poder. Uma parte desse instinto é colocada diretamente a serviço da função sexual, na qual tem um importante papel. É o sadismo propriamente dito. Uma outra parte não realiza essa transposição para fora, permanece no organismo e, com ajuda da mencionada excitação sexual concomitante, torna-se ligada

libidinalmente; nela devemos reconhecer o masoquismo original, erógeno. (Freud, 1924/1986, p. 191; grifo nosso)

Ainda no texto *Mal estar na Civilização* (1930/1986), Freud discorre sobre o domínio do homem sobre a natureza, exploração da terra, ações que exigem certa quota de agressividade ou, como diria em *O problema econômico do Masoquismo* (1929/1986), vontade de poder. Assim, é, ainda em 1929, que Freud pontua que o ser humano participa do curso do desenvolvimento da humanidade, ao mesmo tempo em que persegue o seu próprio caminho na vida, lembrando-nos o quanto ontogênese e filogênese se mantêm interligadas.

Observamos que essas ações voltadas ao exterior com fins de construção se dão em razão de uma agressividade externada e aceita socialmente, já que parte da energia da pulsão de morte resta no interior do organismo, e esse resto fusionado pela pulsão de vida torna-se útil para a manutenção e evolução dos processos vitais e culturais.

Aqui, pensamos sobre o mecanismo de sublimação que Freud descreve a respeito das pulsões de vida. Segundo o autor, a sublimação consiste no fato da pulsão se dirigir para uma finalidade diferente e afastada daquela que diz respeito à satisfação sexual. Isto é, muda-se a finalidade. Nesse sentido, entender que a finalidade para a qual a pulsão de morte se esforça se dá no sentido de retorno ao inanimado, ao estar fusionada e receber outro destino, não poderíamos nós falar de uma sublimação dessa pulsão? Aqui podemos pensar em uma via aberta para pensarmos na potencialidade inscrita no fenômeno da compulsão à repetição.

Entendendo a pulsão de morte como não ligada, energia capaz de curto-circuitar a dinâmica psíquica, mas essa não teria outro destino a não ser desfazer ligações? Seria o seu princípio regulador o desligamento mortífero? Ou ela guardaria, também, a potencialidade de fazer surgir o novo, o que poderia ser determinada pela capacidade de ligação da libido?

Nesse sentido, entendemos que, desde o início, uma das grandes potencialidades que a repetição carrega é a possibilidade de trazer à tona o caos pulsional, de tal forma a poder, quem sabe, realizar ligações de modo a controlar o excesso advindo do trauma, excesso referente à energia não ligada. Assim, poderíamos nos questionar sobre ser a libido, proveniente do Eu a protagonista da Compulsão à Repetição, à medida que por meio do seu potencial de ligação, determina o cessar das repetições demoníacas, já que Freud (1923/1986) nos adverte que considerar somente as desordens seria desvalorizar o papel desempenhado pelas pulsões de vida.

André Green (1984/1988) propõe que a meta principal das pulsões de vida é garantir a função objetualizante, isto é, realizar ligações com o objeto e, ao mesmo tempo, a

transformação de estruturas em objetos mesmo quando este não está mais presente, de modo tal que o investimento se torna objetalizado. Nesse sentido, esse autor ainda afirma que os processos de simbolização podem se proliferar e enriquecer o psiquismo mesmo quando em vazios causados pelos desligamentos das pulsões de morte.

A fusão das pulsões de vida e de morte se dão, segundo Freud (1923/1896), sob a égide das pulsões de vida, ao passo que a pulsão de morte é desviada, a agressividade colocada em serviço da vida, no entanto, quando a libido está a serviço das pulsões de morte, quando não há ligação, somente desligamento, há manifestação das perversões, prazer na dor, repetição traumática. Assim, entendemos que fusão enquanto processo secundário está intimamente relacionado à *Bidung*, e des fusão enquanto processo primário, aos desligamentos, à constituição de marcas/*fueros*, que caracteriza as compulsões.

Assim, o processo de ligação referenciado pela necessidade de dar cabo ao excesso, ao caos, pode ser entendido como um trabalho das pulsões de vida, existentes no Eu, e que este, como vimos, precisa estar investido libidinalmente através do mundo externo para que consiga realizar seu papel.

Pudemos perceber que o Eu que evolui de um instância deslibidinalizada antes da descoberta do Narcisismo, nesse momento, configura-se como reservatório da libido, que por sua vez, pelo mecanismo de fusão, opera no sentido de fazer ligação. Percebemos dessa maneira que a ligação, que até então era proveniente de um Eu altamente catexizado, agora passa a ser entendida como fruto do trabalho das pulsões de vida existentes no Eu. Desse modo, em se tratando das pulsões, a ligação fica a cargo das pulsões de vida, em oposição a pulsão de morte.

3.4 Possibilidades de aproveitamento terapêutico do potencial criativo da compulsão de repetição: Comentários a partir de algumas leituras contemporâneas.

Tendo em vista essas configurações do funcionamento psíquico, retomamos as ideias dos autores contemporâneos que discutem uma potencialidade inerente à Compulsão à Repetição durante o processo psicoterápico: fazer surgir o novo. Dessa forma, entendemos o novo como fruto de um processo de ligação que se dá pelas pulsões de vida existentes no Eu em relação às pulsões de morte, e como explanado anteriormente, que guarda relação íntima relação com a passagem do Processo Primário para o Processo secundário, o que se dá através

do pensar. Assim criar e pensar parece caminhar juntos, associando-se com a ligação proveniente das fusões pulsionais em contraposição a aos desligamentos que a desfusão ao permitir o livre atuar das pulsão de morte. Nesse sentido, fazemos um paralelo com o que encontramos em Freud (1896/1986): os *fueros*, que como já exposto, segundo o autor, quando s dão quando o domínio do material energético existente não ocorre, as excitações e estes, escapam ao Eu, permanecendo como não-inscritos, para além da capacidade do aparato de dominá-las, permanecendo como pura intensidade, revelando-se em uma repetição compulsiva.

Em se tratando da repetição, Marucco (2007) nos apresenta a repetição do soterrado que se reflete em sujeitos agarrados ao destino, um tempo retido, coagulado na repetição de “marcas” primeiras de registros pré-psíquicos. Nesse sentido, fala do núcleo em que se condensam as configurações específicas da pulsão com as primeiras identificações e onde se encontram as chaves daquilo que se expressa, na clínica do para além do Princípio de Prazer, que, segundo esse autor, produz os maiores obstáculos no processo da cura. Marucco (2007) nos conta que a compulsão repetitiva se dá em relação ao soterrado que está para além do reprimido, e não está inscrito no aparelho psíquico. Marucco (2007) relaciona a repetição do soterrado àquele aquém, que se revela pela força abalroadora da pulsão de morte, a que o autor se refere como “tendência ao desligamento”, e ao mesmo tempo como “sinistra criatividade”. Assim entendemos esse soterrado, representado pelas figuras dos instintos do Id e sua expressão não-verbal. Nesse sentido, Freud (1896/1986) refere-se ao excesso à que denomina *fueros*, como um resto, uma excitação nunca antes ligada.

Segundo Paim Filho (2010), a pulsão de morte deve ser compreendida como força pulsional não enlaçada, não ligada, que está nas origens do sujeito psíquico e não tem qualidade, não está subordinada à função ordenadora do aparelho psíquico, assim como vimos, parece estar sob domínio do funcionamento primário e guardando íntima relação com a tendência à inércia que opera em organismos simples, ou mesmo com os *Fueros*. Ela pode ser entendida como pura potencialidade de um devir que vai ser determinado pela capacidade de ligação da pulsão de vida, logo entendemos que a pulsão de vida seria sim a protagonista da Compulsão à repetição, à medida que sua força para fusão/ ligação decidiria o destino da compulsão, e revelaria a “sinistra criatividade” inerente à pulsão de morte.

Entendemos que o processo de ligação referenciado pela necessidade de dar cabo ao excesso, ao caos, pode ser entendido como um trabalho das pulsões de vida, existentes no Eu. Este, por sua vez, para efetuar a ligação precisa estar investido libidinalmente. Uma

importante contribuição que Freud (1923/1986) nos deixa em relação à esse investimento é que faz-se necessário considerar o terapeuta na psicanálise atuando como um instrumento que capacita o Eu para conseguir uma progressiva conquista do *id*. “De fato, ele se comporta como o médico durante um tratamento analítico: oferece-se, com a atenção que concede ao mundo real, como um objeto libidinal para o *id*, e visa a ligar a libido do *id* a si próprio.” (Freud, 1923/1986, p.61).

Entendendo que as pulsões de vida são nômades em relação aos objetos e ligações, elas são solicitadas pelos outros, pelos barulhos do mundo externo. Elas se alimentam e se apoiam na presença de um outro, de um amado e, sem essa tensão com o outro, a libido se esvai, de tal forma que, em última instância, é só a presença que cura. Assim, por mais equilibrado que seja um sujeito, sem a presença viva de um outro, ele não consegue manter sua noção de existência. (Zygouris, 1999).

Segundo Marucco (2007), a compulsão à repetição também poder ser superada quando no processo psicoterápico o terapeuta assume papel de sonhar, assume o desafio de construir fantasmas onde só há inscrições pré-verbais. Ainda segundo o Marucco, é pela força da pulsão de vida, que o encontro entre analista e paciente pode transformar o que é repetido em algo diferente. Assim, considerar somente as desordens na compulsão à repetição talvez seja desconsiderar a potencialidade da pulsão de vida, enquanto àquela que pode neutralizar as pulsões de morte no processo de fusão, pulsão de vida existente no Eu que é investido pelo mundo externo, sendo, como disse Freud, o espaço psicoterápico um espaço privilegiado para tal.

Notamos que há íntima relação entre os autores no tocante a capacidade que a pulsão de vida, capacidade essa advinda do processo de ligação, a que, como vimos Freud assinalou desde o *Projeto* como responsável por manter o equilíbrio psíquico, e pelo atuar do Princípio do Prazer relacionado à constância.

Dessa forma, entendendo o espaço terapêutico como aquele que pode possibilitar, através do investimento libidinal no Eu, as fusões pulsionais, entendemos que esse se constitui como campo privilegiado para fazer surgir o novo através das ligações advindas da insistência da repetição. A repetição dos *fueros*, do que não é nem nunca foi ligado no aparelho psíquico, se comportando como um excesso, pura fruição, representação desligada, pode ser circunscrita, mediante o trabalho analítico, no plano da simbolização, isso é, no plano verbal no encontro com a libido.

A compulsão à repetição no tratamento psicoterápico faz com que as pulsões de morte ganhem um clamor, e assim, estabelece-se um esforço no sentido de ligação. Dessa forma, conjecturamos sobre a possibilidade de vislumbrar o espaço terapêutico como campo para o encontro com o outro, do mundo externo, de investimento libidinal ao Eu, que culmine em potencializar os processos de ligação, que são de origem das pulsões de vida, existentes no Eu, pelos processos de Fusão.

Em *Construção em Análise*, texto de 1937, Freud nos fala que o trabalho de análise deve fazer com que o paciente abandone as repressões que ocorrera em estado anterior, e as substitua por reações que correspondam a uma condição psiquicamente madura. Para tanto, é preciso recordar as experiências e as emoções que de alguma forma foram esquecidas. Destarte, é por meio de repetições, recordações deformadas e estas dentro da transferência que o paciente fornece material para que o processo de análise se consolide. Assim, podemos vislumbrar a possibilidade de entender a repetição mesmo em sua forma compulsiva como uma aliada à clínica, pois sob um olhar atento ela também dá voz às pulsões, que até então, atuam de forma silenciosa, nos mostra que existem *fueros* que fogem, de alguma maneira à recordação, mas que pela insistência, podem ganhar uma inscrição, e uma construção mais tolerável.

Segundo Freud, o papel do analista se estabelece à medida que ele se propõe a participar da construção daquilo que foi esquecido pelo paciente, ou que foge a memória. O autor compara esse trabalho ao de um arqueólogo na reconstrução e ou, escavação, de alguma morada que foi destruída e soterrada. Dessa forma, pontuamos que ao lidar com os *fueros*, estamos lidando com o soterrado, como aponta Marucco (2007), que de tão insuportável ou disruptível, está pra além da recordação, além do domínio do palavra, e do funcionamento secundário. É, pura fruição, automatismo referente à pulsão de morte, desligamento, inércia.

Partimos, assim, do que já foi exposto no capítulo anterior, sobre a importância desde o início do desenvolvimento humano, do mundo externo: a vida, seus interditos, regras, limites e sentidos, entendendo que a ligação da representação ao afeto constitui-se majoritariamente a partir das relações, através da libido investida em objetos amigáveis e de amor, o que possibilita a expansão da vida, em geral, e da vida psíquica em particular. Os excessos pulsionais são simbolizados com o auxílio do outro, já que, segundo Freud (1921/1986), desde o marco zero do psiquismo, o outro é nosso modelo, primeiro objeto de amor, primeiro inimigo e único objeto auxiliar. Desde a infância é a mãe com sua capacidade de sentir e traduzir o que o filho comunica que pode dar vazão aos instintos e às pulsões, pode

ajudá-lo a dar conta das traduções. A vida é apresentada pelo outro, como nos aponta Zygouris (1999). Nesse sentido, Freud (1923/1986) nos comunica que o Eu, é formado pelo contato e auxílio do mundo externo, que, como vimos, ainda usando de termos biológicos, através de seus estímulos tornam calcinada a camada da vesícula, de tal forma a oferecer proteção, assim como contenção.

Assim considerando o espaço terapêutico como privilegiado para o fortalecimento do Eu a partir do encontro com o outro e, ao mesmo tempo, o palco das compulsões à repetições pela transferência, vislumbramos o potencializar do processo de ligação na análise. Ligação que, provenientes das pulsões de vida existentes no eu, possibilita a criação de sentido para o soterrado, a partir do caos silencioso que se faz dizível pela repetição.

Freud (1937/1986) pontua que a força das pulsões é uma das mais decisivas para o sucesso da análise. O autor expõe a necessidade de amansa-las e torna-las acessíveis a influências do eu, e nos conta, como já vimos, que a análise se coloca como um forte instrumento para fortalecer o eu na sua lida com as pulsões. Mas não postula uma fórmula para que isso se dê, ele nos leva à necessidade de fantasiar metapsicologicamente. Por onde seguimos nosso trabalho, entendemos que o processo terapêutico possibilita, através do investimento libidinal no eu, a proliferação de processos de fusão.

Conclusão

Podemos observar ao longo de nossos estudos que a técnica Psicanalítica sofre muitas transformações ao longo do tempo. Começando pelo o trato com as histéricas com hipnose, seguindo para a descoberta da clínica da Interpretação associada à descoberta do Inconsciente em 1900. O objetivo primeiro de Freud seria o de buscar o retorno do material esquecido e posteriormente configura-se em alcançar o conflito psíquico tendo ponto de partida as repetições de conteúdos inconscientes, tais como os sonhos e os sintomas.

Entende-se que o homem carrega uma parte que lhe é oculta, mas que por meio da Psicanálise pode tornar-se consciente. Este pode, dessa maneira, vir a ser senhor do seu destino, desvendando os mistérios que a ele se apresentam. Assim, ao mesmo tempo em que se busca trazer à tona o inconsciente, trava-se uma grande batalha com as resistências que se opõem a esse processo. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que a repetição aparece em alguns momentos como aliada ao tratamento, em outros parece dificultá-lo.

Ao longo da primeira tópica, o tratamento Psicanalítico consiste em trazer à tona o material reprimido, que se constitui como um excesso que se manifesta através dos sintomas. Nesse momento, a transferência figura como grande aliada nesse processo sob domínio do Princípio do Prazer. Segundo Freud (1914/1986), repetem-se na transferência vivências relativas ao montante inconsciente dos instintos que foram reprimidos e o analista torna-se objeto de investimento sexual do paciente, o que deve ser manejado durante o tratamento. Assim, a Compulsão à repetição, surge como aliada no processo de análise, ela coloca em ato aquilo à que não se pode, por conta da repressão, surgir na mente consciente vinculado à palavra, afeto desligado de representação.

Com o advento da Segunda Tópica e a novidade das pulsões de morte e de vida, a partir de 1920, colocam-se impasses à Clínica da Interpretação. A transferência agora não abarca somente o reprimido, também se depara com o conflito pulsional, influência do Id. Freud entende que as pulsões de vida agem no sentido de fazer ligações, enquanto as pulsões de morte, quando desfusionadas, manifestam-se como sentimento de culpa, destruição, caos e desligamentos. Assim, Freud (1920/1986) também relaciona a compulsão à repetição com o caráter conservador das pulsões. É pelo sofrimento compulsivo que se entende que a pulsão sem ligação traz aquilo que não pode ser representado em palavra, sendo assim, extremamente desordenada e fora do controle do Eu.

Entendendo que agora, relacionada ao Id, a Compulsão à Repetição parece atualizar um conflito mais arcaico do que aquele relativo ao reprimido, já que as pulsões estão atuando e pelejando entre si desde o início da vida, surge, um grande desafio para pensarmos o alcance da técnica da Psicanálise: as Pulsões de morte, que de irrepresentável, parece fugir de qualquer tentativa de domínio do Eu e sua função de ligação. E que são descobertas pelo estudo da Compulsão à repetição

Desse modo, quando desfusionadas, seguem um automatismo relacionado a tendência à inércia, e impossibilitando à passagem do Processo Primário ao Secundário, ou seja, da continuidade da vida, principalmente a vida psíquica, e a maturação do organismo. Essa repetição à que Freud se debruça a partir de 1920, atrelada à pulsão de morte, aparece como obstáculo para o dispositivo clínico também porque ao se relacionar ao quantum não traduzido, impresso, fora do domínio da linguagem ultrapassa o alcance de uma técnica analítica que se movimenta pela palavra e parece, à primeira vista, estabelecer um limite ao trabalho do analista.

A compulsão à repetição parece colocar um limite ao método interpretativo à medida que este se centra na ideia de representação, que se dá pela capacidade do Eu em realizar ligações. Assim, entendendo que a compulsão à repetição faz também atualizar marcas que não estão inscritas no psiquismo, mas que fogem de seu domínio como os *fueros* que atuam de forma arcaica, por um automatismo, faz-se urgente pensarmos em caminhos dentro da análise que possam levá-los para outro domínio, dar destino para essa quantidade, caso contrário, esta pode levar à morte psíquica.

Considerando que Freud (1923/1986) nos apresenta a análise como um campo de fortalecimento do eu para lidar com as pulsões, podemos entender que nesse espaço há possibilidades de domínio das pulsões de morte, pelas fusões que se dão sob a égide das pulsões de vida, existentes no eu.

Entendemos a compulsão à repetição como um fenômeno que faz vir à tona as pulsões de morte, que até então, estão silenciosas, pura quantidade sem representação, e que decorre de um esforço de ligação, há potencialidade nesse sentido. Como no poema da Adélia, do caos, pode emergir a sintaxe. Dando um espaço para que pulsões de morte possam se manifestar, elas podem ser enlaçadas pela libido e colocarem-se sob domínio do eu, para assim, seguir novos caminhos que não sejam destrutivos; podem produzindo sentidos novos, no domínio da linguagem.

A potencialidade terapêutica da compulsão à repetição se dá, ao nosso ver, no sentido de fazer vir à tona as pulsões de morte, em um espaço privilegiado para o fortalecimento do Eu, através da presença do outro. Fortalecimento que se dá no sentido de investimento libidinal. Saliendo que é função do Eu, a passagem do processo Primário para o Secundário, entendemos que nele encontram-se as pulsões de vida que pela fusão, amalgamam às pulsões de morte, amenizando seus aspectos mortíferos. É através da ligação enquanto potencialidade das pulsões de vida que pode haver a possibilidade de criação de novos caminhos e novos destinos ao que até então é pura potência destrutiva.

Sendo assim, entendemos o espaço terapêutico como aquele que possibilita o pensar, e o criar, produzindo ligação no domínio das pulsões que concomitantemente garantem a Passagem do Processo Primário para o Secundário, e a continuidade da vida. Assim, segundo os ensinamentos deixados por Freud de que é preciso ousar metapsicologicamente (1937/1986), entendemos uma íntima relação entre a fusão pulsional, o processo de ligação, referido, à princípio, como *Bingung* e o Princípio da Constância como saída para a Compulsão à repetição no processo terapêutico. Já que ambos podem, no trato da Compulsão à repetição, serem fomentados a partir do encontro com o outro no *setting* terapêutico.

REFERÊNCIAS

- Bion, W. (1991). *Elementos em psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1963).
- Caropreso, F. (2016). O instinto de morte segundo Sabina Spielrein. *Psicologia USP*, 27 (3), 414-419.
- Caropreso, F. e Simanke, R. T. (2006). Compulsão à Repetição: Um Retorno às origens da Metapsicologia Freudiana. *Ágora*, 9 (2), 207-224.
- Freud, S. (1986). Fragmentos de la correspondencia con Fliess (Carta 52). In: S. Freud, Obras completas (2ª ed., Vol. I, pp. 274-279). Buenos Aires: Amorrortu editores. (Originalmente publicado em 1896).
- Freud, S. (1986). *Estudios sobre la histeria* (2a ed.). (Vol. 2). Obras completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Originalmente publicado em 1895).
- Freud, S. (1986). *Proyecto de psicología*. (Vol. 1). Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Originalmente publicado em 1895).
- Freud, S. (2003) Projeto de uma Psicologia. In: GABBI JR., Osmyr. Notas a Projeto de uma Psicologia: as origens utilitaristas da psicanálise. Tradução Osmyr Gabbi Jr. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1895)
- Freud, S. (1986). *Histeria*. (2a ed.). (Vol. 1). Obras completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Originalmente publicado em 1888).
- Freud, S. (1986). *Algunas consideraciones com miras a um estudio comparativo de las parálisis motrices orgânicas e histéricas* (2ªed.). (Vol. 1). Obras completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Originalmente publicado em 1893).
- Freud, S. (1986). Introducción del narcisismo. In: S. Freud, Obras completas (2ª ed.) (Vol. XIV) . Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu editores. (Originalmente publicado em 1914).
- Freud, S. (1986). Lo inconciente. In: S. Freud, Obras completas (2ª ed.), (Vol. XIV) , Obras Completas. Buenos Aires: Amorortu editores. (Originalmente publicado em 1915).
- Freud, S. (1986). *Recordar, repetir y elaborar*. (Vol. 12). Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Originalmente publicado em 1914).
- Freud, S. (1986). *Más allá del principio de placer*. (Vol. 18). Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Originalmente publicado em 1920).
- Freud, S. (1986). Dos artículos de enciclopedia: ‘Psicoanálisis’ y ‘Teoría de la libido’ (Obras Completas de Sigmund Freud, vol. 18). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Originalmente publicado em 1923).

Freud, S. (1986). *El yo y el ello Obras Completas*. (Vol. 19). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Originalmente publicado em 1923).

Freud, S. (1986). *Análisis terminable e interminable*. (Vol. 23). Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Originalmente publicado em 1937).

Freud, S. (1986). Construcciones en el análisis (Obras Completas de Sigmund Freud, vol. 23). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Originalmente publicado em 1937).

Fulgêncio, L. (2003). As especulações metapsicológicas de Freud. *Natureza Humana* 5 (1), 129-173.

Garcia-Roza, L. A. (1986). *Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Garcia-Roza, L. A. (1991). *Introdução à Metapsicologia Freudiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Gil, A. C. (1991). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. (3a ed.). São Paulo: Atlas.

Green, A. (1986). *A pulsão de morte*. São Paulo: Escuta. (Trabalho original publicado em 1984)

Green, A. (2007). Compulsão à repetição e o princípio de prazer. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 41 (4), 133-141.

Hermann, F. (1989). Interpretação: a invariância do método nas várias teorias e práticas clínicas. In: S. A. Figueira (Org.). *Interpretação: sobre o método da psicanálise (pp. 13-34)*. Rio de Janeiro: Imago.

Honda, H. (2011). O conceito Freudiano de Pulsão (Trieb) e algumas de suas implicações epistemológicas. *Fractal: Revista de Psicologia*, 23 (2), 405-422.

Klein, M. (1997). A psicanálise crianças. In. *Obras completas de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago.

Land, M. G. P. (1993). *O conceito de neurose traumática na obra de Freud*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Laplanche, J. (1985). *Vida e morte em psicanálise*. (C. P. B. Mourão, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.

Laplanche, J; Pontalis, J. B. (2001). *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1982).

Marucco, N. C. (2007). Entre a recordação e o destino: a repetição. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 41(1), 121-136.

Monzani, L. R. (1989). *Freud: o movimento de um pensamento*. (2a ed). Campinas: Unicamp.

Nasio, I. D. (1997). *O livro do amor e da dor*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Nasio, J. D. (2013). *Por que repetimos os mesmos erros?* Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

Paim Filho, I. A. (2010). Compulsão à repetição: pulsão de morte “trans-in-vestida” de libido. *Revista brasileira de Psicanálise*, 44 (3),117-126.

Souza, P.C. de. (2010). *As palavras de Freud*. O vocabulário freudiano e suas versões. São Paulo: Companhia das Letras.

Spielrein, S. (2014). A destruição como origem do devir. In: *S. Spielrein: uma pioneira da psicanálise* (pp. 227-277). (R. D. Mundt, Trad). São Paulo: Livros da Matriz. (Originalmente publicado em 1912).

Strachey, J. (1997). *Nota Introductoria a Análise terminável e interminável*. (Vol. 23). Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Originalmente publicado em 1912).

Winnicott, D. W. (1987/1990). *O gesto espontâneo*. São Paulo: Martins Fontes.

Zygouirs, R. (1999). *Pulsões de vida*. São Paulo: Editora Escuta.